



Quando o espectador vira espetáculo (segunda entrega): jornalismo, futebol, violência e populismo¹

Por: **Camilo Aguilera Toro**

Magíster en Sociología de la Cultura (Universidad de Campinas, Brasil) y pregrado en comunicación social (Universidad del Valle)

Docente e investigador contratista de la Escuela de Comunicación Social de la Universidad del Valle
leratoro@yahoo.com.br

RESUMEN:

Este artigo é uma proposta de análise da informação relativa à torcidas organizadas² de futebol publicada por um dos maiores jornais impressos brasileiros (*Folha de S. Paulo*), durante o período 1970-2004. Os objetivos desta análise são: 1) Rastrear o uso de discursos que dizem respeito à construção e à afirmação de valores constitutivos do que aqui chamamos de *identidades torcedoras*. 2) Identificar o modo como este jornal deu tratamento ao tema das torcidas organizadas e o modo como ele lidou com as manifestações mais visíveis destas associações torcedoras: espetáculo e violência, formas dominantes através das quais o jornal confere às torcidas organizadas o status de notícia. 3) Identificar as representações que o jornal faz destas agremiações torcedoras e, ainda, reconhecer quais atores do futebol profissional brasileiro são chamados a declarar e opinar e, portanto, a produzir sentidos acerca das torcidas organizadas e do fenômeno da violência no futebol.

PALABRAS CLAVE:

Palabras-clave: periodismo, fútbol, hinchas de fútbol, Brasil, espectáculo de masas, violencia, populismo, identidad, representaciones mediáticas.

E

ste artigo é uma proposta de análise da informação relativa à torcidas organizadas de futebol publicada por um dos maiores jornais impressos brasileiros (*Folha de S. Paulo*, junto ao *Estado de São Paulo*, o de maior circulação no Estado de São Paulo e no Brasil), durante o período 1970-2004. Para tal foram coletadas 187 matérias jornalísticas. A coleção deste material não implicou na revisão da totalidade das edições do jornal durante o período indicado. Tomou-se como amostra representativa as edições de um mês por ano, às vezes dois meses e excepcionalmente três. Na maioria dos casos foram privilegiadas as edições do mês de dezembro, por coincidirem com as fases finais dos principais campeonatos de futebol no Brasil.

Os objetivos desta análise são três: 1) Rastrear o uso de discursos que dizem respeito à construção e à afirmação de valores constitutivos do que aqui chamamos de *identidades torcedoras*. 2) Identificar o modo como o jornal *Folha de S. Paulo* deu tratamento ao tema das torcidas organizadas e, mais especificamente, o modo como ele lidou com as manifestações mais visíveis destas associações torcedoras: espetáculo e violência, modos dominantes através dos quais tal mídia confere às torcidas organizadas o status de notícia. 3) À medida que a *Folha de S. Paulo* dá atenção às torcidas organizadas e à violência por estas praticada, a análise de desse meio de comunicação é também uma tentativa de identificar as representações que a instituição mídia faz dessas agremiações torcedoras e, ainda, reconhecer quais atores do futebol profissional brasileiro são chamados a declarar e a opinar e, portanto, a produzir sentidos acerca das torcidas organizadas, da torcida de futebol em geral e do fenômeno da violência no futebol. Antes que uma voz uníssona, a *Folha de S. Paulo* é um campo de disputas de opiniões e posicionamentos dos distintos atores do futebol profissional brasileiro: clubes, Estado, Confederação Brasileira de Futebol, Federação Paulista de Futebol, atletas, diretores técnicos, polícia, mercado, torcedores *comuns*, membros das torcidas organizadas, etc. Todavia, o modo como tais opiniões são apresentadas não corresponde a uma operação arbitrária. O jornal, como qualquer outro meio de comunicação, obedece a uma série de critérios de seleção e de organização das informações e dos acontecimentos noticiados, critérios que, por sua vez, estabelecem privilégios e desigualdades.

A torcida como notícia e o discursos sobre as *identidades torcedoras*

No grosso de informação oferecida pela seção esportiva da *Folha de S. Paulo* a torcida aparece, já no início dos anos 70, como conteúdo noticioso. Não são poucas as matérias dedicadas exclusivamente a informar e comentar a presença das torcidas nos estádios e, outras que, ao apresentarem informações propriamente futebolísticas (times, jogadores, campeonatos), incluem alguma informação relativa às torcidas de futebol. Um exemplo neste sentido é a matéria que anuncia a inauguração da segunda fase da construção do estádio Cícero Pompeu de Toledo/Morumbi³. A matéria informa sobre os preparativos que o Clube do São Paulo fez para aquela data especial, que tinha como espetáculo central o jogo amistoso entre os times do São Paulo e do Porto, clube da primeira divisão do futebol português. A matéria anuncia o evento através de três tipos de informação: a organização do evento por parte da diretoria do Clube, as prováveis escalas dos times e os preparativos da torcida do São Paulo para o jogo. Sobre este último tipo de informação, a matéria diz:

“A torcida do São Paulo também está fazendo seus preparativos. A torcida mandou confeccionar uma bandeira gigante, praticamente do tamanho do gramado. A bandeira, que já está pronta, custou seis mil cruzeiros novos e deverá ser apresentada no domingo. Esta é a maior bandeira de que se tem notícia” (Folha de S. Paulo - *São Paulo: time ainda é um mistério*, 23/01/70).

A torcida é parte da informação oferecida na matéria e parte do espetáculo que ela anuncia. Além do estádio e dos times, a bandeira - inédita em tamanho segundo a matéria - aparece como mais uma atração do evento. O espetáculo é promovido através do futebol, mas também através de seu público, da torcida enquanto tributária de ingredientes vistosos que engalanam, por um lado, o evento e, por outro, a notícia sobre o evento: ocupando uma área equivalente à informação escrita, a matéria inclui uma fotografia que mostra um grupo de torcedores exibindo a descomunal bandeira.

É importante notar que a presença da torcida como parte do espetáculo futebolístico não se restringia a ocasiões especiais como, por exemplo, a inauguração de um estádio. Na década de 1970, especialmente com o nascimento das torcidas organizadas independentes (em diante TO), era já habitual a performance espetacular das torcidas nos estádios paulistanos (e cariocas) durante os campeonatos regulares. A Folha de S. Paulo mostra um interesse por este espetáculo que não se limita às grandes bandeiras:

“A saudação da torcida corintiana à entrada do seu time foi qualquer coisa. Virou um paiol. A maioria barulhenta e seus rojões, foguetes (...) O jogo em si foi mesquinho, diante do espetáculo nas arquibancadas” (Folha de S. Paulo - *Chico Buarque vê o Corinthians*, 07/12/76).

A notícia refere-se à partida Fluminense-Corinthians, jogo da fase semifinal do Campeonato Brasileiro de 1976. O interesse da Folha de S. Paulo pelo espetáculo oferecido nas tribunas foi tão importante quanto a vitória da equipe paulista: o volume de informação sobre a presença e a performance da torcida corintiana no estádio Maracanã (mais da metade dos espectadores presentes no estádio segundo informações do próprio jornal) é equivalente àquela que informa sobre o jogo. Há um interesse pelo recurso estético que

a torcida acrescenta ao espetáculo futebolístico (as matérias estão acompanhadas de numerosas fotografias que mostram a torcida durante os momentos de maior exultação), assim como há um interesse por apresentar a torcida de um modo *esteticizado*: a participação de Chico Buarque, que faz uma extensa crônica acompanhada de fotografias, atesta esse interesse. De igual modo, é revelador neste sentido saber que esta crônica aparece na Folha Ilustrada e não na seção esportiva, violando o cânone do modo como o jornalismo costuma organizar e classificar as informações. No início da década de 70 a Folha de S. Paulo refere-se à autora do espetáculo das tribunas com o genérico *torcida* - seja *a torcida do São Paulo* ou *a torcida corintiana*, por exemplo. Com o avanço da década tal torcida passa a ser designada, na maioria das vezes, através dos nomes das TO nascidas durante a década. O jornal parece ter identificado rapidamente que o espetáculo das arquibancadas era executado, principalmente, pelos novos visitantes dos estádios: as TO, grupos de torcedores que desde sua aparição comportaram um rápido crescimento quanto ao número de seus membros e à presença nos estádios. Ao julgar pela Folha de S. Paulo, passou muito pouco tempo entre o surgimento das TO e o seu reconhecimento por parte da mídia. Especialmente a Gaviões da Fiel, a Camisa 12 (identificadas com o clube do Corinthians) e a Independente (identificada com o Clube do São Paulo) são as mais citadas durante o período em questão.

As TO passam a ser para a mídia um insumo noticioso e, através dela, públicas. A Folha de S. Paulo, simultaneamente, promove-as e usa-as; dá-lhes visibilidade pública e se nutre delas como recurso informativo. Uso e visibilidade, é claro, parciais. O interesse da Folha de S. Paulo centrou-se, particularmente nos anos 70, em alguns aspectos específicos do fenômeno TO: espetáculo e festa. Não são poucas as matérias em que das TO são destacados tais elementos: *No Pacaembu, o batuque dos Gaviões da Fiel*⁴ é a manchete de uma matéria publicada no dia 19 de dezembro de 1974. Durante a década de 80 e parte dos anos 90 este interesse não perde vigor:

“A festa dos corintianos começou antes mesmo do início da partida. (...) Os líderes dos principais grupos organizados (Gaviões, Camisa 12, Tico) cuidavam dos preparativos da ‘Festa da Vitória’” (Folha de S. Paulo - *Carnaval começa depois do 2º gol*, 13/12/1982).

Outras matérias dizem:

“O presidente da Independente promete uma grande festa no Morumbi. Segundo ele, a torcida vai levar 10 mil bolas de gás, 3 mil rafa (adornos feitos com recortes de papel), 50 artefatos que produzem a característica fumaça vermelha, 140 bandeiras, além de um ‘bandeirão’ de 50 metros” (Folha de S. Paulo - *Para torcedores são-paulinos, partida hoje é só um treino*, 15/12/1991);

“As TO prometem travar hoje no Morumbi uma ‘batalha de cores’. Com a lotação esgotada, elas ocupam com bandeiras verde, branca, vermelha e preta o anel superior do estádio” (Folha de S. Paulo - *Torcidas prometem ‘batalha de cores’*, 20/12/1992).

Nas fases finais do Campeonato Brasileiro de 1976, das quais o Corinthians foi protagonista, a Folha de S. Paulo mostrou grande interesse pela torcida como assunto noticioso, especialmente pelas TO corinthianas. No dia 4 de dezembro o jornal publicou uma extensa matéria dedicada exclusivamente a noticiar os preparativos da Camisa 12 e da Gaviões da Fiel na sua viagem para o Rio de Janeiro, onde se disputaria o jogo da fase semifinal entre o Fluminense e o Corinthians. Após um detalhado relatório dos preparativos (especialmente assuntos ligados à organização e às características da viagem: número de torcedores mobilizados, de ônibus, horários e locais de saída de São Paulo, horários e locais de chegada no Rio de Janeiro, bandeiras, papel picado, faixas, fogos de artifício, etc.) o redator da notícia encerra a matéria dizendo: “O vice-presidente da Gaviões, Cláudio Simões, é mais um dos jovens que está sendo responsável por essa festa nunca vista”⁵, acrescentando, jubiloso, “a alegria do Corinthians é essa juventude”⁶. Dois elementos são interessantes neste pequeno trecho da matéria: por um lado, a associação TO-festa e TO-alegria, modos dominantes através dos quais as TO atingem o status de tema noticiável; e, por outro, a alusão feita sobre a idade dos torcedores. Sendo as TO um fenômeno ainda recente em 1976 a Folha de S. Paulo começa a traçar, na medida que progressivamente mostra maior interesse pelo assunto, um perfil do tipo de torcedor vinculado às TO. Os anos 70 mostram como a Folha de S. Paulo reconduz seu interesse da massa torcedora aos indivíduos que compõem as TO. Abundam as referências e entrevistas a membros das TO, nas quais, insistentemente, destaca-se sua juventude. A observação da Folha de S. Paulo não é infundada. Desde seu nascimento, de fato, as TO paulistanas estiveram formadas majoritariamente por jovens. Embora não fossem necessariamente eles quem ocupavam os cargos dirigentes das TO, sua presença no estádio era (e é) majoritária. As TO - podemos dizer - constituem uma nova fase da participação dos jovens no universo do futebol profissional brasileiro. Não que eles tivessem sido privados de participar: tanto no campo de jogo quanto na platéia estiveram presentes desde o início do século 20. Trata-se de uma nova fase no sentido de que os jovens passam a participar não como torcedores anônimos espalhados pelo estádio, mas aglutinados ao redor de organizações torcedoras visíveis para o resto do público e para a mídia, tributários de alegria e festividade do espetáculo futebolístico e dos clubes: “a alegria do Corinthians é essa juventude”. Mas não só a alegria e a festa são valores destacados pela Folha de S. Paulo. Seu interesse pelas viagens das TO e, mas especificamente, o modo como estas são noticiadas revelam outros elementos altamente valorizados:

“O repórter Cláudio Faviere e o fotógrafo Manoel Isidoro voltaram ontem, às sete da noite, depois de viajarem 124 horas junto com 22 torcedores da ‘Gaviões da Fiel’ que foram a Recife em um ônibus só para ver o Coríntians enfrentar o Santa Cruz” (Folha de S. Paulo - *Corinthians - A longa viagem de volta*, 02/12/1976).

Trata-se de uma crônica de viagem que relata as peripécias de um grupo de torcedores rumo ao Nordeste, destacando os momentos de alegria e de cansaço, as refeições, as horas de sono, o desconforto do ônibus, as dificuldades econômicas de uns dos viajantes e “as cólicas e tonturas” (Idem) de outros, os hotéis, a batucada e samba incessantes, os cânticos, etc.



Folha de S. Paulo - 02/12/1976

Escrita em tom épico, esta crônica de viagem atesta o reconhecimento por parte da Folha de S. Paulo das TO como protagonistas dos temas e acontecimentos que o jornalismo esportivo julga noticiáveis, mas atesta, sobretudo, uma das coisas que o jornal mais aprecia e valoriza nestes grupos de torcedores: a “fidelidade”⁷, fervor, esforço e dedicação para com a *causa corintiana*.

“Os únicos ânimos que a chuva fina e constante não conseguia arrefecer eram os do ‘Gaviões da Fiel. Quem assistiu a seu entusiasmo (...) no dia da decisão do primeiro turno entre Corinthians e São Paulo não notou nenhuma diferença. O mesmo batuque cadenciado, quase perfeito”. (Folha de S. Paulo - *No Pacaembu, o batuque dos Gaviões da Fiel*, 19/12/1974)

Não é novidade o fato de a mídia realçar e valorizar tais comportamentos. Incondicionalidade e entusiasmo foram valores destacados e estimulados pelo jornalismo esportivo em outros períodos da história. É possível dizer, portanto, que em relação ao papel da mídia na legitimação e promoção desses valores no passado, a Folha de S. Paulo estabelece uma continuidade neste sentido: *No frio, no calor, com qualquer tempo, a torcida não falha: ela está sempre em todos os estádios*⁸.

O valor emocional que para alguns torcedores têm os resultados das equipes com as quais se identificam é um assunto insistentemente explorado e recriado. Mesmo que às vezes sejam apresentados como assunto pitoresco, os sentimentos expressos pelos torcedores são altamente valorizados e tidos como exemplares:

“Dona Elisa, a torcedora símbolo do Corinthians, passou o dia de ontem sem comer, nervosa, pernas balangando e pondo fogo numas ‘comidinhas’ para ajudar o Timão. (...) ‘Se ganhar o campeonato eu morro. Meu coração não vai agüentar. Eu saio pela rua, sambando, explodindo de alegria e me acabo”. (Folha de S. Paulo - *Elisa: ‘Se o time ganhar o campeonato eu morro’*. - 04/12/1976).

A torcida é noticiada enquanto tributária de emoções fortes, de expressões e reações apaixonadas: “Esta torcida chora, ri, briga, xinga, agride, aplaude, pula, canta: quase ao mesmo tempo”, é a nota da fotografia - imagem dramática de um torcedor em exercício - que acompanha uma extensa reportagem intitulada *Noventa minutos ao lado da torcida do Corinthians* (20/12/1974), matéria dedicada, sobretudo, às TO Camisa 12 e Gaviões da Fiel.



Folha de S. Paulo - 20/12/1974

A imagem do torcedor grudado no alambrado, ‘possuído’ pela paixão, é de algum modo uma síntese de uma das formas através das quais a Folha de S. Paulo se vale das TO como insumo informativo. Seja através da notícia, da crônica de viagem, da reportagem, da fotografia ou, como veremos em seguida, do editorial, a paixão será um valor tão difundido como legitimado:

“No passado sim, o Corinthians foi um time raçudo (...) Querem confundir a torcida corintiana com o time, no que diz respeito à vibração, entusiasmo, amor e dedicação. É incompreensível que uma maioria teime em transferir o comportamento, o espírito de sacrifício, o corintianismo, a famosa religião da torcida, para o time, quando este não

tem condições para corresponder. Time e torcida são coisa diferentes. Feitas honrosas exceções, Vladimir, Zé Maria, Lance, Pita e alguns outros, uma grande maioria dos jogadores não têm dentro de si aquilo que deve ser tocado pela torcida e assim atentam ao chamamento da Fiel” (Folha de S. Paulo - *Não confundam a Fiel com o Corinthians*, 27/12/1974)⁹.

É da vibração, do entusiasmo, da dedicação e do amor, valores apresentados como inerentes à torcida corintiana, do que teria carecido a equipe; em poucas palavras, faltou-lhe “corintianismo, a famosa religião da torcida”, com o qual o time poderia ter vencido o Palmeiras na partida final do Campeonato Paulista de 1974. A editorial continua dizendo:

“Não que Rivelino não seja corintiano. Só que ele é corintiano à maneira dele. Só que sente o Corinthians de forma muito diferente à Fiel e muitos torcedores. (...) Segundo a concepção de Rivelino, futebol deve ser jogado de toque. Para ele o futebol é um xadrez, de paciência e cautela. Mas só que o futebol de toque, o futebol de paciência, o time do Corinthians não tem condições e não pode mesmo jogar”. (Folha de S. Paulo - *Não confundam a Fiel com o Corinthians*, 27/12/1974).

Assim, Rivelino representaria o anti-corintianismo, embora o jornalista num gesto de diplomacia prefira dizer que “ele é corintiano à maneira dele”. Tanto a mídia quanto os próprios clubes são promotores de valores análogos como raça ou garra, através dos quais se constrói, afirma-se e legitima-se uma identidade torcedora específica:

Folha de S. Paulo - 25/01/1970

Neste caso, tratando-se de um anúncio publicitário publicado na Folha de S. Paulo, é através do consumo da história do Clube que o torcedor corintiano é convocado a mostrar sua “garra”, seu corinthianismo. O anúncio apóia-se - como mostra a figura - não na qualidade do material ofertado, mas no “Um por todos, todos por um!”, ato de solidariedade que atestaria a organicidade entre o Corinthians e sua torcida.

O uso da torcida como parte de uma estratégia publicitária não é exclusiva dos Clubes. Por motivo da derrota do Corinthians para o Internacional de Porto Alegre na final do Campeonato Brasileiro de 1976, o Banespa publicou na Folha de S. Paulo o seguinte aviso publicitário:



Folha de S. Paulo - 06/12/1976

Ambas as publicidades coincidem em pelo menos dois aspectos: por um lado, dirigem-se diretamente à torcida como público-alvo (“Corinthiano!”, “vocês”) e, por outro, destacam valores tidos como intrínsecos à torcida e apresentados como exemplares: “garra”, “amor”. Numa outra publicidade o amor é novamente realçado e utilizado como argumento publicitário:



Folha de S. Paulo - 26/05/1992

Aqui chama a atenção, além do amor ser apresentado como sentimento inerente ao torcedor, o fato de ele ser usado como argumento publicitário. Inserido no universo do futebol o anúncio não tenta vender o cartão de crédito através de argumentos econômicos, mas por meio de um apelo emocional: “Para quem tem amor à camisa”. Ele dirige-se a um *consumidor-torcedor*, cuja identidade é, simultaneamente, reafirmada e usada como estratégia publicitária.

Corinthians: a identidade-povo



Folha de S. Paulo - 13/12/1982

Antes de entrarmos na abordagem deste tópico é importante salientar que a quantidade de informação veiculada pela Folha de S. Paulo dedicada ao Corinthians parece ser significativamente maior que a dedicada a outros clubes paulistanos¹⁰. Tal diferença é equivalente à quantidade de informação sobre a torcida corintiana, incluídas as TO, em relação a outros clubes. É um fato que o Corinthians tem tido a maior torcida da cidade e do Estado de São Paulo¹¹, lugares nos quais a Folha de S. Paulo e O Estado de São Paulo são os jornais de maior circulação. Portanto, é plausível pensar que à medida que neste clube concentram-se os interesses de uma maioria, o Jornal privilegie o Corinthians e sua torcida como conteúdos noticiosos. No entanto, tal causalidade não deve desalentar o propósito de indagar sobre a forte presença do Corinthians e sua torcida como assunto informativo e, particularmente, sobre os significados que são atribuídos a este clube e a seus simpatizantes.

Um dia antes da decisão do Campeonato Brasileiro de 1976, a Folha de S. Paulo publicou uma extensa matéria sobre o Corinthians na qual - como é possível conferir na figura anterior - a torcida corintiana (de quem seria o “grande dia”) é representada como ‘o povo’. Esta matéria, que ocupa três páginas e encabeça a seção esportiva do Jornal, é exemplar de um discurso predominante que transfere e imbrica os significados torcida corintiana e povo: “ser corintiano significa viver com o povo”, diz o padre Paulo Evaristo Arns, arcebispo de São Paulo na época, mais uma das personalidades convidadas pela Folha de S. Paulo para falar sobre o Corinthians. Através das vitórias do Clube proclama-se um júbilo popular, o qual, por sua vez, é transferível a uma totalidade: *O clima de decisão corintiana contagia todo o país*¹²; ou, em outros casos, a uma parcela significativa: “O grito de campeão paulista de 74 está preso na garganta de quase 50% da população da cidade”, texto que acompanha uma extensa matéria intitulada *Corinthians: Campeão do povo*¹³.



Folha de S. Paulo - 05/12/1976



Folha de S. Paulo - 18/12/1974

Além da manchete, o uso da torcida como recurso visual para noticiar o triunfo do Clube exprime a imbricação de sentido *Corinthians-povo*. Mesmo que a silhueta da parte inferior da figura corresponda aos jogadores do time corintiano, predomina visualmente a imagem da torcida, incluída a bandeira.

Uma boa forma de rastrear o que a Folha de S. Paulo entende por *povo* talvez seja através da caracterização que ela faz dos torcedores, especialmente dos corintianos. É comum durante o período estudado a relevância dada a certas informações, todas elas em função da descrição do torcedor corintiano:

“No prédio da Rua Padre João Manuel, 923, em São Paulo o zelador Antônio Batista, agitava sua bandeira gigante, sozinho. Esse corintiano não escondia seu clubismo (...) Pai de dois filhos e ganhando salário mínimo alugou uma tevê em cores, pagando mil e oito cruzeiros pelo aluguel para assistir ao jogo [semifinal do Campeonato Brasileiro disputado pelo Fluminense e o Corinthians no Rio de Janeiro]” (Folha de S. Paulo - *Jogo em cores consome salário do zelador*, 06/12/1976). Em outra matéria um torcedor, também corintiano, é caracterizado como: “garoto moreno, magrinho”¹⁴. Numa outra um torcedor é descrito como “mulato de estatura média”. Mais adiante, na mesma matéria, um outro corintiano é distinguido como “crioulo uniformizado” e “mecânico” de profissão¹⁵. Zelador, mecânico ou “doméstica”, profissão que Elisa, “a torcedora-símbolo do Corinthians”, desempenha há “30 anos”¹⁶. Mais adiante, nesta mesma matéria, ocupação e raça reaparecem: “o Chinês, crioulo retinto” e “motorista” de profissão. Inseridos em notícias que, mais do que informarem, celebram os triunfos do Corinthians, tais dados parecem querer caracterizar, enquanto *povo*, a torcida corintiana. Acreditamos que a função destes dados é outra quando - como veremos mais adiante - o que se noticia na torcida são atos de violência.

Além do uso de torcedores ‘comuns’ (membros das TO ou não) como conteúdo noticioso, observamos na Folha de S. Paulo o ânimo de vincular as conquistas do Corinthians a torcedores ‘célebres’, figuras públicas de grande simpatia popular. Don Paulo Evaristo Arns no Campeonato Brasileiro de 76, religioso ligado à Teoria da Libertação, é um exemplo. Lula é outro; convidado para fazer seus comentários sobre o título corintiano do Campeonato Paulista de 1982, ele, reafirmando a sobreposição de sentido *torcida corintiana-povo*, disse: “O povo merece esta festa”¹⁷.

São fartos os casos em que o sentido dado ao Corinthians como time do povo é reafirmado. No dia 6 de dezembro de 1983 a Folha de S. Paulo publicou os resultados de um debate que ela mesmo

organizou. Chamado *A paixão e a fé corintiana em discussão*, o debate reuniu “torcedores (...) para falar sobre o clube-religião, seus segredos e sua força”¹⁸. Com suas próprias palavras ou através dos comentários que o jornalista Luiz Fernando Rodriguez faz delas, várias das personalidades convidadas para o debate expressam e justificam a associação *Corinthians - povo*.

Resenhando a intervenção do sociólogo Paulo Silveira, Rodriguez escreve:

“A grande massa assalariada, pobre, sem representação política, de aspirações limitadas e apertado orçamento, abrigou-se no mais cosmopolita dos clubes” (Folha de S. Paulo - *A paixão e a fé corintiana em discussão*, 06/12/1983).

Também com a história como fator explicativo o jornalista dá entrada à intervenção de outro dos convidados:

“O empresário Nildo Masini pediu licença ao sociólogo presente (Paulo Silveira) para avançar teoria sobre a formação dos clubes paulistas e aí localizar as origens do corintianismo: ‘Nos 73 anos de sua história o Corinthians polarizou uma certa camada da sociedade - tida como a mais pobre e de pouca mobilidade social - enquanto os outros clubes nascentes iam-se formando em torno das colônias cada vez mais enriquecidas pelas correntes migratórias. O palestra englobou os italianos, os portugueses reuniram-se no seu clube, o São Paulo juntou a alta burguesia (...), sobrando o Corinthians como o mais autenticamente brasileiro dos clubes, reconhecido assim até pelos adversários’” (Idem).

História de classes e história migratória de São Paulo do início do século XX aparecem como elementos que ajudariam a explicar por quê os triunfos do Corinthians são também as conquistas do povo. No mesmo sentido, Paulo Silveira diz: “Enquanto alguns clubes se formaram em torno das colônias que ainda hoje se mantêm caracterizadas como tal, e outros viraram opção da burguesia e depois da alta classe média, o Corinthians recebeu toda a gente de todas as correntes imigratórias, primeiro, e depois migratórias. É o clube dos nordestinos, como é dos árabes e dos espanhóis, e carrega nome inglês e gente de todas as raças na sua fundação e na sua vida” (Idem). O jornalista, ao fazer referência à intervenção de outro dos participantes do debate, traz novamen-

te a classe e a miscigenação racial para a discussão:

“César Vieira, o teatrólogo do Grupo União e Olho Vivo [...], não separa o esportivo, o social e o econômico e conclui que as vitórias continuam sendo comemoradas como o sucesso, ainda que momentâneo, dos explorados sobre os patrões, igual ao nascimento do Corinthians brasileiro, imitação dos vingadores ingleses chegados no início do século para derrotar Paulistano e São Paulo Athletic, clubes da burguesia, donos dos velódromos onde se divertiam. Da história à emoção, César Vieira explica as cores do clube e atribui o branco e o preto às raças misturadas e a gota vermelha às sementes que já estariam plantadas desde 1910, sem prazo ainda certo para germinar” (Idem).

Enquanto o Corinthians é o clube das “raças misturadas”¹⁹, “o mais autenticamente brasileiro”, sua torcida é designada como “a grande massa assalariada”, “a mais pobre e de pouca mobilidade social”, “os explorados”. Através destas duas operações os debatedores, e a Folha de S. Paulo por meio deles, fazem do Corinthians e sua torcida um objeto de representação política que, via classe ou via raça, indica uma maioria, pobre e mestiça: o povo.

“Esse povo passou a fazer no futebol o que não conseguia na vida: vencer os patrões. Os prejudicados do dia-a-dia uniam-se na torcida por uma espécie de desforra. E mesmo assim, passaram-se 23 anos sem que esse povo tivesse alegria, podado na sua vibração, da mesma forma que a participação política foi proibida. Então, nós vimos em 1974 o momento de luto que foi a derrota de 110 mil pessoas presentes no Morumbi, para 3 mil palmeirenses sem coragem de festejar (César Vieira)” (Idem).

A equivalência entre inibição de participação política no contexto de um regime ditatorial e ausência de títulos esportivos no Corinthians durante 23 anos - o mesmo tempo “sem que esse povo [a torcida corintiana] tivesse alegria” - expressa a dimensão política atribuída ao futebol. Não é fortuito que a realização deste debate, promovido e publicado pela Folha de S. Paulo, coincida com o processo que levaria ao retorno do regime eleitoral no Brasil. O jornalista Luis Fernando Levy - mais um dos convidados ao Debate - também vê na torcida corintiana uma manifestação da inibição de participação política imposta pela Ditadura:

“A fome de participação junta as pessoas que se congregam na fé corintiana, numa espécie de estopim de solidariedade que é quanto mais necessária quando se atravessa tempo de crise (sic). O Corinthians virou válvula de escape, a fé de que todos precisam e da qual eu, particularmente, não abro mão” (Idem).

Irrelevante é se tal conjectura é correta; o significativo é ver o futebol tornando-se campo de representações políticas e identificar os significados atribuídos à torcida, seja como expressão das “tensões” sociais existentes:

“É importante considerar que, composto por maioria de gente pobre, frustrada política, salarial e psicologicamente, o Corinthians reproduz o desenvolvimento dessas frustrações ao nível social, quase traduz o espectro das tensões que ocorrem na sociedade (Paulo Silveira)” (Idem).

Como “forma de sociedade civil organizada”:

“O corintianismo exige o choro, a presença no estádio, e representa hoje uma forma de sociedade civil organizada (José Ricardo Montoro)” (Idem).

Ou ainda como manifestação do retorno da democracia:

“[A torcida corintiana] rasga preconceitos e desafia acomodações no mesmo compasso de

toda a sociedade civil brasileira, segundo as observações do sociólogo Paulo Silveira, festejando os avanços corintianos como a decorrência normal da caminhada democrática (Luiz Fernando Rodríguez)” (Idem).

As TO também participaram do Debate. Representadas por E. Tadeu de Souza (membro da Gaviões da Fiel), as TO corroboram o significado dado ao futebol como cenário de luta pela democracia. No intuito de dar às TO um status político, a intervenção de E. Tadeu de Souza revela o interesse de fazer parecer ilegítimo o significado do futebol como “instrumento de opressão e alienação”:

“O futebol é mesmo uma das escassas organizações de massa do País, e só quem vive alheio à realidade brasileira pode achar o futebol uma forma de alienação. Os poderes constituídos, embora tentem não conseguem controlar o futebol. E não basta que um general tente intervir para escalar o centroavante da Copa de 70 (Dario), o que aliás não conseguiu, para caracterizar o futebol como instrumento de opressão e alienação” (Idem).

No ano de 1970, num contexto político distinto ao do debate de 1983, já aparecia a sobreposição de sentido *torcida-povo*. Essa sobreposição - como veremos a seguir - revela um significado do futebol completamente contrário ao do esporte como expressão de resistência política. A propósito da presença de Médici na inauguração da segunda fase do estádio Morumbi, o jornal diz:

“O presidente Garrastazu Médici chegou de carro ao Morumbi e entrou no campo pelo túnel central, ante grande manifestação da torcida, que o recebeu de pé, agitando grandes bandeiras. O presidente parou e cumprimentou o povo” (Folha de S. Paulo - *Antes do jogo, aplausos para Médici*, 26/01/1970).

A representação da torcida como povo - e vice-versa - aparece já no ano de 1970²⁰. Desta vez, no entanto, o significado do futebol que está em jogo não é o de dissenso político e luta pela democracia, mas o da legitimação de um governo militar. O futebol, e mais especificamente o estádio, aparece como cenário de um encontro feliz entre autoridades e *povo-torcida*. No mesmo ano, a propósito do título mundial conseguido pela Seleção Brasileira no México, o futebol reaparece como lugar de encontro entre governo e povo. Na primeira página do Jornal foi incluída uma matéria que recolhe as declarações de Médici sobre a vitória da equipe brasileira. Intitulada *Médici participa do entusiasmo do povo*, o então presidente da República disse:

“Na hora em que a seleção nacional de futebol conquista definitivamente a Copa do Mundo, após memorável campanha, na qual só enfrentou e venceu adversários do mais alto valor, desejo que todos vejam, no presidente da República, um brasileiro igual a todos os brasileiros. (...) Como um brasileiro comum, como um brasileiro que, acima de todas as coisas, tem um imenso amor ao Brasil e uma crença inabalável neste País e neste povo, sinto-me profundamente feliz, pois nenhuma alegria é maior no meu coração que a alegria de ver a felicidade do nosso povo, no sentimento da mais pura exaltação patriótica. (...) E identifico, na vitória conquistada na fraterna disputa esportiva, a prevalência de princípios de que nós devemos amar para a própria luta em favor do desenvolvimento nacional. Identifico no sucesso da nossa seleção de futebol, a vitória da unidade e da convergência de esforços, a vitória da inteligência e da bravura, da confiança e da humildade, da constância e da serenidade, da capacitação técnica, da preparação física e da consistência moral. Mas é preciso que se diga, sobretudo, que os nossos jogadores venceram porque souberam ser uma harmoniosa equipe, em que, mais alto que a genialidade individual, afirmou-se a vontade coletiva. (...) Neste momento de vitória, trago ao povo a minha homenagem, identificando-me todo com a alegria e a emoção de todas as ruas, para festejar, em nossa incomparável seleção de futebol, a própria afirmação do valor do homem brasileiro” (Folha de S. Paulo - *Médici*

participa do entusiasmo do povo, 22/06/1970).

Os títulos da Seleção Brasileira aparecem para Médici como uma oportunidade para se apresentar como “um brasileiro igual a todos os brasileiros”, “um brasileiro comum”, que “acima de todas as coisas tem um imenso amor ao Brasil e uma crença inabalável neste País e neste povo”. A alegria de Médici deve-se ao triunfo da equipe brasileira, mas, sobretudo, à felicidade do povo diante da vitória: “nenhuma alegria é maior no meu coração que a alegria de ver a felicidade do nosso povo, no sentimento da mais pura exaltação patriótica”. O futebol aparece como cenário da celebração da nação e da afirmação de um povo patriótico, expressão da “prevalência de princípios de que nós devemos amar para a própria luta em favor do desenvolvimento nacional”. Assim, a vitória da Seleção Brasileira é entendida como produto não só do bom desempenho dos atletas e da equipe técnica, mas também “da unidade e da convergência de esforços”, através da qual “afirmou-se a vontade coletiva”. As declarações de Médici, como era de se esperar, são um reconhecimento à equipe, mas são, sobretudo, uma *homenagem ao povo* e uma celebração da “afirmação do valor do homem brasileiro”.

Crise do espetáculo *futebol* e espetacularização da violência

Não são poucas as matérias dedicadas a discutir o que a Folha de S. Paulo num momento chega a chamar de *decadência do futebol-espetáculo*²¹. O que nos interessa nessa discussão diz respeito ao lugar que nela ocupa a torcida e, desse modo, aos sentidos que estão em jogo quando o futebol noticia-se em crise. É importante esclarecer que a percepção do futebol como sendo um espetáculo em decadência é intermitente; durante as fases finais dos campeonatos, especialmente quando os clubes paulistanos aparecem como protagonistas, tal percepção perde força.

Dados recolhidos pelo próprio Jornal mostram que o ano de 1985, em São Paulo, representaria um dos pontos mais baixos da média de público nos estádios, “5.160 pagantes por jogo”²² no Campeonato Paulista, sendo que no ano anterior - segundo dados publicados pelo jornal - a média foi de “7.201 pagantes”²³ no mesmo torneio. Após apresentar os dados, a matéria, intitulada *Os estádios estão ficando cada vez mais vazios*, recolhe as opiniões de vários dirigentes esportivos.

Eles apontam uma miscelânea de motivos para explicar a queda da presença de espectadores nos estádios. Na opinião do dirigente esportivo Carlos Miguel Aida²⁴, a queda seria decorrência da baixa qualidade do espetáculo futebolístico e da violência nas arquibancadas, além do mau desempenho dos juizes e da transmissão dos jogos pela TV. José Maria Marin²⁵ diz que a principal causa do desânimo do torcedor está no espetáculo exibido (“a qualidade das partidas não colabora”), enquanto para Adilson Monteiro Alves²⁶ é a violência das torcidas o motivo que afasta as pessoas dos estádios. As causas do declínio, assim, estariam em dois lugares: no jogo e na torcida, mas especificamente nas TO, principais protagonistas da violência nos estádios paulistas já desde o final dos anos 70.

Pela primeira vez desde sua existência, as TO aparecem, enquanto geradoras de atos de violência, como uns dos fatores do afastamento dos torcedores dos estádios. Legitimadas enquanto tributárias de espetáculo, festa, alegria e paixão, as TO passam a ser fortemente censuradas enquanto artífices de violência. Na mesma edição, uma outra matéria indica através da opinião de um torcedor quais seriam os efeitos da violência:

“Como repetir a ladainha do calendário seria redundante, o empreiteiro Piero Guasti, 52, levanta outra questão: as torcidas uniformizadas. ‘Proibi meu filho de ir ao estádio. Além de correr o risco de ter o carro danificado ou mesmo roubado, o torcedor comum sofre a violência dos grupos organizados, sempre colocados nos melhores lugares das arquibancadas’” (Folha de S. Paulo *Torcedores reclamam de violência e calendário*, 01/09/1985). Violência gerada pelas TO e cuja vítima seria “o torcedor comum”, a exemplo de Piero Guasti, um “torcedor típico”:

“Aquele torcedor típico, cujo estereótipo alia o radinho de pilha no ouvido com a camisa do clube preferido, comparece cada vez menos aos estádios de futebol” (Idem).

A matéria, no entanto, permite a autodefesa dos indicados como infratores:

“Ao saber das declarações [do torcedor comum Piero Guasti], o presidente da torcida organizada Gaviões da Fiel (cerca de doze mil sócios, a maior do Estado de São Paulo), Avelino Leonardo Gomes, 34, mostrou inconformismo: ‘Isso é absurdo. Somos nós que alegamos o futebol. Admito que exis-

tem alguns pilantras infiltrados entre as torcidas, mas não há motivos para generalizações. A maioria é gente fina e trabalhadora” (Idem).

São destacáveis nesse depoimento dois elementos: por um lado, a autoconsciência de Avelino em relação à alegria como valor agregado pelas TO ao futebol profissional brasileiro e, por outro, o fato de ele dizer que haveria nas TO uma minoria infiltrada, geradora da violência e a partir da qual seria impropriedade fazer “generalizações”: “a maioria é gente fina e trabalhadora”. Como veremos, na informação veiculada pela Folha de S. Paulo serão a alegria (festa ou espetáculo) e a tese da minoria infiltrada, os argumentos através dos quais as TO paulistanas, e mais especificamente suas presidências, objetam toda acusação vinculando-as com a prática de violência. Essa minoria violenta, assim, não teria representação na TO Gaviões da Fiel, associação formalmente constituída e reconhecida pela lei.

Antes de entrar na tarefa de estudar, através de um meio de comunicação, o fenômeno da violência entre as TO, talvez valha a pena rastreamos um fenômeno simultâneo e indissociável: trata-se do uso por parte da Folha de S. Paulo de um discurso que contém uma carga significativa de violência simbólica. Tal discurso, verdadeiro hábito jornalístico da seção esportiva da Folha de S. Paulo, foi identificado ao longo da totalidade do período estudado. Com isto não pretendemos dizer que um fenômeno deriva-se do outro, mas que é possível pô-los em diálogo, procurando identificar possíveis inter-relações e cumplicidades. Não são raros os exemplos neste sentido. Aqui destacamos e comentamos alguns deles: no dia 2 de dezembro de 1973, a propósito das fases finais do Campeonato Brasileiro daquele ano a Folha de S. Paulo publica uma matéria intitulada *Retranca no Sul²⁷, desespero no Maracanã²⁸ e outras guerras em outros estádios²⁹*. A manchete, como em tantos outros casos, aponta para um certo conteúdo que o corpo da matéria não aborda. Restringindo-nos à manchete resulta plausível imaginar que ela prenuncia informação sobre acontecimentos violentos, não propriamente de guerra (tolo seria pretendermos negar o recurso da metáfora), mas ao menos acontecimentos de violência, por exemplo, entre atletas e/ou entre torcedores. Na verdade, o corpo da matéria simplesmente resenha e comenta um grupo de partidas, todas elas vibrantes, mas não violentas, de mais uma rodada da etapa final do Campeonato Brasileiro daquele ano.

A partida de futebol é representada como guerra ou como vingança: *O jogo da vingança* é a manchete de uma matéria que abre dizendo:

“Decepcionados com a perda do Mundialito, os torcedores têm hoje a oportunidade de um pequeno consolo. Ele acontecerá se os juniores do Brasil derrotarem os do Uruguai, em Ribeirão Preto, às 21 horas, em jogo válido pelo Torneio Internacional da categoria e que, pelo menos naquela cidade, está sendo chamado o da ‘vingança’” (Folha de S. Paulo - *O jogo da vingança*, 13/01/1981).

Como em outros casos, a decepção por causa de uma derrota é um sentimento atribuído ao torcedor (não aos jogadores, aos dirigentes ou assumido diretamente pelo Jornal), para o qual a perda do Mundialito seria, segundo a matéria, motivo suficiente para assumir o jogo contra o Uruguai como uma oportunidade de desagravo, de “vingança”. Torcedores decepcionados e querendo vingança, sentencia o jornal, embora não inclua na matéria qualquer depoimento de ao menos um torcedor exprimindo tais anseios.

As partidas como sendo guerras ou vinganças e as viagens das torcidas a outras cidades como invasões. *Torcida do Corinthians vai invadir Marília* é a manchete de uma matéria que diz: “Os torcedores já dispõem de dez ônibus gratuitos - esse número poderá aumentar - e a idéia é repetir as históricas caravanas de 76 (...) O Corinthians pretende promover uma verdadeira invasão de sua torcida amanhã, repetindo as façanhas das finais do Campeonato Brasileiro de 76” (Folha de S. Paulo - *Torcida do Corinthians vai invadir Marília*, 01/12/1982).

Note-se como a Folha de S. Paulo, além de noticiar as viagens das torcidas a outras cidades - inclusive, como vimos, chegando a servir como promotora - contribui para construir uma memória dessas viagens. Como acontecimentos míticos, memoráveis, o jornal refere-se às viagens como “históricas caravanas” ou “façanhas”. A propósito da viagem da TO Gaviões da Fiel ao Rio de Janeiro para ver o Corinthians enfrentar o Fluminense pelo Campeonato Brasileiro de 1984, o Jornal relembra as históricas caravanas de 1976, mas, desta vez, referido-se a elas com nome próprio: “invasão de 76”.

“As caravanas de seus comandados [do ‘Magrão’, o qual na matéria é chamado de ‘chefe dos Gaviões da Fiel’] nem de longe reeditou a invasão de 76” (Folha de S. Paulo - *Nem dona Sara escapa da violência nas arquibancadas*, 21/05/1984).

Além de representar a viagem como uma invasão e de, novamente, referir-se a ela como um acontecimento histórico, esta matéria é exemplar do modo como a Folha de S. Paulo designa as relações entre os membros das TO. Fala-se de “comandados”, isto é, de torcedores-soldados que, mais do que agirem conforme sua vontade, estariam subordinados às “ordens” dos seus comandantes.

“Quatrocentos torcedores, todos eles com menos de 25 anos de idade, estão sob as ordens de Cláudio [Faria Romero, então presidente da TO Camisa 12 o qual na mesma matéria é denominado ‘chefe da torcida’]” (Folha de S. Paulo - *O grande dia do grande líder das gerais*, 20/12/1974).

Numa outra matéria reaparece a *ordem* como modo de relação entre torcedores organizados e suas lideranças, ou melhor, entre comandados e chefes. Intitulada *‘Preservar o grito’ é a palavra de ordem* [de Cláudio Faria Romero]³⁰, esta matéria expressa, como as anteriores, a forma como é designada a sociabilidade entre torcedores: representação militarizada das relações entre os membros das TO.

Conforme as informações que a Folha de S. Paulo oferece quanto ao tipo de sociabilidade nas TO, as relações entre seus membros seriam predominantemente de subordinação. Por outro lado, no que diz respeito às relações entre torcidas, tal subordinação parece ganhar sentido, estando em função de uma guerra cujos exércitos em confronto seriam as próprias torcidas. Referindo-se à partida final do Campeonato Brasileiro de 1976 entre o Corinthians e o Internacional, realizada na cidade de Porto Alegre, uma matéria diz:

“Se a guerra das torcidas mostra uma vantagem nítida para o Internacional, dentro do campo a disputa deverá ser equilibrada” (Folha de S. Paulo - *Família paga promessa e fala com jogadores*, 12/12/1976).

Assim, a guerra como representação não seria exclusiva das partidas, mas também da relação entre torcidas e, em último termo, do futebol, apresentado como campo de batalha. Uma outra matéria, publicada dias antes da referida final e que recolhe as opiniões sobre o jogo de alguns jornalistas esportivos da cidade de Porto Alegre, vai mais longe na representação das relações entre as torcidas como sendo uma guerra. Um dos jornalistas entrevistados pela Folha de S. Paulo, Waldomiro Moraes da Rádio Gaúcha, disse:

“Se o pessoal de São Paulo fizer o mesmo que fez no Rio, em termos de provocação, dá briga e morte lá no Sul. No entanto se a turma ficar naquela de torcer somente, não vai acontecer nada de extraordinário” (Folha de S. Paulo - *Repórteres do Sul falam sobre o clima da decisão*, 10/12/1976).

Embora não se registrasse qualquer morte, de fato, a partida em Porto Alegre foi tensa, apresentando-se vários casos de hostilidade entre torcedores do Internacional e do Corinthians.

No entanto - como salientado - seria um excesso pensar que tais agressões derivaram-se da abordagem dada pela imprensa antes do jogo. Apesar das alusões sediciosas (“guerra das torcidas”), algumas delas definitivamente condenáveis (“dá briga e morte lá no Sul”), seria um equívoco pensarmos que a violência entre torcedores é um efeito da mídia. Assim, falar em “guerra das torcidas” não significa inventar a *guerra das torcidas*. No máximo, significa caracterizar, com certo exagero (metafórico?), um *clima de hostilidade*³¹ que, de fato, tinha se gerado entre as torcidas do Internacional e do Corinthians antes do jogo, indubitavelmente alimentado pelos incidentes de agressão entre torcedores acontecidos dias antes no Maracanã, quando o Corinthians derrotou o Fluminense na etapa semifinal do Campeonato Brasileiro de 1976. Incidentes de “provocação” - como indica o jornalista da Rádio Gaúcha - mais do que de confronto físico, uma vez que não se registraram ferimentos nem ocorrências do tipo. A hipérbole *guerra*, por ser hipérbole, não retrata uma guerra, nem tampouco a origina. A guerra como representação do futebol - e mais especificamente da *relação* entre as torcidas de times adversários - não é possível de ser entendida como mera ficção da Folha de S. Paulo. Ela, fugindo da literalidade de sentido, corresponde a certo clima de hostilidade que, para 1976, estava-se gerando entre as torcidas de futebol e, mais precisamente, entre as TO.

Por tanto, não caberia dizer que a violência entre as TO é uma invenção (fantasiosa) ou um efeito da mídia. Não se trata de tentar compreender o fenômeno via conspiração, mas cabe dizer que a violência é um dos *modos predominantes* através do quais as TO tornam-se *assunto noticiável*, isto é, a operação por meio da qual o jornalismo confere a um acontecimento qualquer o status de *notícia*, de *informação*. A rigor, a violência será uma *representação dominante* das TO a partir dos anos 90. No entanto, já nas décadas de 70 e de 80 disputava este predomínio com outras representações, todas elas identificadas e caracterizadas ao longo desta análise: a *torcida-festa*, *-alegria*, *-espetáculo*, *-fidelidade*, *-paixão*, *-amor*.

Caracterizar a sociabilidade entre torcedores como *relações de mando* e entre TO como *relações de guerra* não é uma alucinação, mas sim uma leitura que negligencia outros aspectos, também constitutivos da sociabilidade entre torcedores e entre TO, que a Folha de S. Paulo evidentemente não julga relevantes e ainda menos noticiáveis.

No período 1979-1985 - como vimos - a Folha de S. Paulo mostra-se preocupada diante da viabilidade do futebol como espetáculo e não são poucas as advertências sobre a baixa quantidade de torcedores nos estádios e o ânimo de abrir uma discussão sobre o assunto: *Os estádios estão ficando cada vez mais vazios; Em discussão, a decadência do futebol-espetáculo; Torcedores reclamam de violência e calendário*, são alguns dos exemplos apresentados anteriormente. As causas levantadas - como salientado - são várias e de natureza diversa: pobre espetáculo, arbitragem ruim, calendários e campeonatos mal organizados, a concorrência da TV, a violência das torcidas, etc..

Na segunda metade dos anos 80 o panorama muda: a presença de público aumenta significativamente, sendo que o pico mais alto foi o ano de 1987, com uma média de mais de 20 mil espectadores por jogo no Campeonato Brasileiro. Com este aumento, é claro, desaparece na Folha de S. Paulo toda menção ao futebol como sendo um espetáculo em crise ou coisa parecida. Embora continuem se apresentando alguns incidentes de violência entre torcedores, uma quantidade razoável de público comparece aos estádios. De qualquer modo, olhasse de perto as TO. Novos dados são revelados pela Folha de S. Paulo acerca do “mundo” das TO, das suas relações e do seu *modus operandi*:

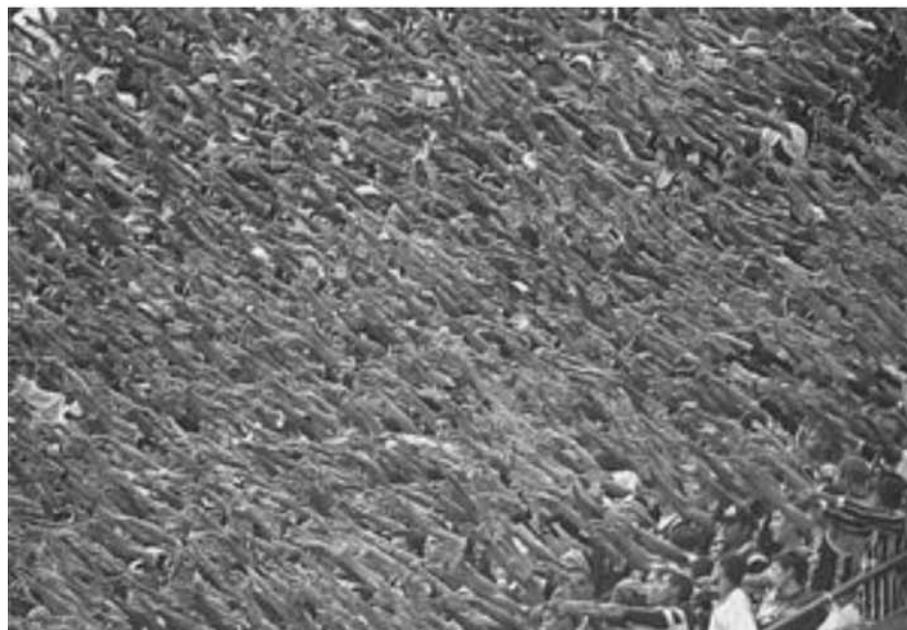
“Tocaias, ameaças telefônicas e até pequenos seqüestros fora dos estádios fazem parte do ‘mundo’ das TO de todos os clubes paulistas. É um mundo diferente. Todos se conhecem, sabem os apelidos dos adversários e rapidamente se comunicam sobre qualquer coisa, desde brigas até a realização de festas em ‘tocas’ inimigas” (Folha de S. Paulo - *Facções adversárias ameaçam e seqüestram seus inimigos*, 03/11/1988).

Assim começa reportagem intitulada *Facções adversárias ameaçam e seqüestram seus inimigos*. Aqui, pelo menos dois elementos são destacáveis: por um lado, a matéria fornece novos dados sobre as relações entre as TO - antes vagamente descritas como relações de guerra -, todos eles, é claro, restritos ao critério noticioso *violência*. Um segundo elemento destacável o modo como a Folha de S. Paulo apresenta como verdade um fato que não testemunhou:

“O diretor da Mancha Verde Néelson Ferraz, 30, conta que já chegou a ser ‘seqüestrado’ e ameaçado por integrantes da Gaviões da Fiel”(Idem).

No corpo da reportagem informa-se sobre o seqüestro e a ameaça através da declaração de um torcedor, inclusive com nome próprio; já na manchete tais incidentes são noticiados como um fato incontestável e, ao mesmo tempo, como sendo um hábito entre as TO: “Facções adversárias ameaçam e seqüestram seus inimigos”. Assim, a declaração de um torcedor passa a ser noticiada como prática de violência rotineira: “... ameaças telefônicas, depredações e até pequenos seqüestros fora dos estádios fazem parte do ‘mundo’ das TO...”.

Identificamos no período 1986-1993 uma etapa de transição quanto à relação violência e espetáculo. O índice de incidentes de violência entre TO é mais alto que em anos anteriores, no entanto, não parece prejudicar a viabilidade do futebol como espetáculo de multidões. Dois motivos, entre outros, talvez ajudem a entender este fenômeno: por um lado, o volume de espectadores aportado pelas TO é alto - o final dos anos 80 e início dos 90 mostra um alto crescimento da presença destes grupos de torcedores nos estádios; por outro lado, o espetáculo oferecido pelas TO nas arquibancadas, altamente valorizado pela Folha de S. Paulo, parece *compensar* o efeito negativo dos incidentes de agressão entre estes grupos de torcedores. Apesar dos episódios de violência, até o ano de 1993 o Jornal vai continuar valendo-se da TO como recurso estético. É frequente, portanto, o uso de fotografias que mostram as TO nos momentos de maior entusiasmo e colorido nas arquibancadas.



Folha de S. Paulo - 03/11/1991 (TO Gaviões da Fiel)



Folha de S. Paulo - 11/12/1993 (TO Gaviões da Fiel)



Folha de S. Paulo - 25/06/1992 (TO Mancha Verde)

As vítimas da violência: pelo 'retorno' da família

Como salientado, até o ano de 1993 a Folha de S. Paulo vale-se duplamente das TO como recurso noticioso, uso duplo que, por sua vez, expressa uma postura certamente ambígua: as TO são legitimadas como espetáculo, mas censuradas como violência. No entanto, os incidentes de violência registrados durante o segundo semestre de ano de 1994 parecem fazer insustentável essa dualidade³². A partir de então diminui radicalmente o interesse pelo espetáculo das arquibancadas, primando as TO como conteúdo noticioso ligado a fatos de violência urbana e de desordem pública. Noticia-se a violência e também seus efeitos: o afastamento de público dos estádios. Na medida que a violência gerada pela TO é apresentada como a principal causa da baixa presença de públicos nos estádios, elas passam a ser tratadas como um elemento perturbador do futebol, nocivo e contrário à viabilidade deste espetáculo de multidões. Em outras e poucas palavras, as TO passam a ser ilegítimas, alvo de intensa e sistemática censura.

Entretanto, a violência das TO não é apresentada - pelo menos não explicitamente - como problema em relação à manutenção do consumo de um espetáculo, mas como problema em relação à crise do futebol como fonte de lazer familiar. Segundo o tipo de informação veiculada pela Folha de S. Paulo, especialmente a partir de 1994, as vítimas da

violência são os *torcedores comuns*, as mulheres, as crianças, a família, mais do que os clubes e, em geral, toda a estrutura econômica que depende do espetáculo futebolístico, da qual, é claro, a própria mídia faz parte.

Júnior, 5, desiste de ir aos jogos

Na sua 'estrela' em estádios, quarta-feira, em Campinas, menino foi derrubado e pisoteado



Folha de S. Paulo - 14/10/94

A Folha de S. Paulo apresenta reiteradamente a *família* como vítima da violência gerada pelas TO. Como permite ver a figura acima, a rixa na cidade de Campinas entre membros das TO Gaviões da Fiel e de A Fúria³³ é noticiada através do drama vivido por Enivaldo Gomes e seu filho Júnior. A matéria é sensível tanto às dificuldades vividas por eles no dia do jogo (foram derrubados e pisoteados na arquibancada), quanto com o fato de aquela experiência significar, ao menos para Júnior, o afastamento definitivo dos estádios. A matéria abre dizendo:

“Nunca mais quero ver um jogo de futebol”. Essa é a lição que Enivaldo Joel Gomes Júnior, 5, tirou da primeira vez que foi ver um jogo ao vivo” (Folha de S. Paulo - *Júnior, 5, desiste de ir aos jogos*, 14/10/1994).

A rigor, vítimas da violência gerada pelas TO são todos aqueles que, sabendo do risco que se expõem, abstêm-se de comparecer aos estádios; isso inclui todos os torcedores não vinculados às TO e mesmo aqueles vinculados, mas que também temem a violência. Dentre essa vasta e diversa massa torcedora, toda ela privada do futebol como fonte de lazer, a Folha de S. Paulo escolhe com frequência dar destaque ao par *pai-filho*, uma espécie de *modelo torcedor* presente, inclusive, quando se noticiam fatos distintos aos da violência no futebol.

Palmeirenses 'campeões' desconfiam do time
Geração de torcedores que viu o clube ganhar quase tudo há 20 anos acha difícil derrotar o São Paulo

Da Reportagem Local

O jejum de 16 anos sem títulos e, em menor escala, a derrota para o São Paulo na primeira final consolidaram o ceticismo de uma parcela da torcida do Palmeiras — aquela que viu o time ser campeão em 1976 e que não acredita que o feito possa se repetir hoje.

Estes torcedores são um contraponto às paragens de palmeirenses que nasceram depois daquela data: e que, sem sentir o peso do tabuleiro, continuam em participar da primeira conquista do time em suas vidas.

“O Palmeiras da década de 70 era como uma Ferrari, que atingiu o auge da tecnologia. Depois, só regrediu”, compara o comerciante Eusebio Nardelli, 32, que nasceu de vibrar com os títulos da “Academia” time há 20 anos.

Nardelli não acredita na vitória do Palmeiras hoje no Morumbi. “A diferença de estruturas entre os times é muito grande”. O pessimismo de Nardelli, porém, não contagiou os filhos César Augusto, 10, e Pedro Henrique, 8, para quem “Academia” é apenas o nome do centro de treinamento do Palmeiras.

Os garotos estão em sintonia com o veterano Ademar da Guia, que reencontrou na sexta-feira o ex-goleiro Sérgio, do São Paulo, e fez uma aposta na vitória do seu Palmeiras. Confiando em Evar, César e Pedro arrastaram o pai ao CT na manhã de quinta-feira para acompanhar o treino da equipe.

Vestidos com a camisa palmeirense, a dupla não se incomoda com as listras brancas impostas pelo patrocínio da Parmalat. Um detalhe que não escapou ao tradicional Nardelli. “O verde era a marca registrada do time.”

“São esses novos torcedores que vão sentir um gosto especial com a conquista do título”, acredita o diretor de esportes da Parmalat, José Carlos Brunoro. “Eles se encantam bem na nova fase que precisamos implantar no clube.” (Ubiratan Brasil)

Memória
Último título foi conquistado em 76
 Da Reportagem Local

Os palmeirenses mais velhos não esquecer o dia 18 de agosto de 1976. Era a penúltima rodada do segundo turno. O estádio do Parque Astorica recebeu um público de 40 mil pessoas. Lider absoluto, o Palmeiras enfrentou o XV de Piracicaba, que fazia boa campanha e apertava em segundo lugar. Uma vitória e a equipe palmeirense conquistaria seu 13º título por antecipação.

Começou o jogo e o time do interior jogava um futebol totalmente descontraído, empolgado com as chances matemáticas de conquistar o título. Mas o Palmeiras anuiu na colônia de Ademar

São Paulo x Palmeiras é uma das atrações de hoje na Rede Bandeirantes.
 11:15 TAÇA BRASIL DE BASQUETE FEMININO
 1ª FINAL LEITE MOÇA
 AO VIVO NOSSA CAIXA/P/PRETA
 17:00 CAMPEONATO PAULISTA

Predomina o modelo pai-filho(s). No entanto, também é usual encontrarmos a família nuclear:



Folha de S. Paulo -18/12/1974

A representação da família como sendo o público legítimo do futebol exprime um significado atribuído a este esporte que Fernando Casal del Rey, presidente do Clube do São Paulo em 1995, enuncia com eloqüente nitidez: “recreio e lazer da família paulista” (Imprensa do Estado de São Paulo, 1996: 55). Tal apreciação participou da intervenção que Casal del Rey fez no seminário *A Violência no Esporte*³⁴, acontecido uma semana após os incidentes do Pacaembu em Agosto de 1995, para o qual também foram convidados, entre outros, políticos, juristas, sociólogos, jornalistas, psicólogos e dirigentes esportivos. Em tal intervenção o dirigente, entre outras propostas, apresentou o programa *torcedor-família*. Indicando a necessidade de prevenir a violência no futebol, o Programa visava aumentar a presença do público feminino e infantil no estádio do Morumbi, permitindo o ingresso gratuito de mulheres e de menores de 14 anos nas tribunas gerais (Idem: 54).

No referido seminário, vários participantes, principalmente os jornalistas, também viam na família o público legítimo do futebol. Vital Battaglia, então diretor de redação de *A Gazeta Esportiva*, disse:

“Chegou o momento de recuperar o futebol como evento social e esportivo (...) Os grandes clubes, federações e a imprensa devem lutar por mais espaço para que as famílias voltem a frequentar os estádios, em paz e harmonia” (Idem: 113) Na mesma direção, Wanderley Nogueira, jornalista esportivo da *Rádio Jovem Pan*, disse:

“É fundamental que os dirigentes esportivos incentivem a presença de mulheres e crianças nos estádios. O comparecimento de novos e melhores torcedores só ajudaria no crescimento do evento” (Idem: 117).

A família sendo apresentada como o público legítimo do futebol, mas também como instrumento de pacificação dos estádios: ora através da sua presença nos mesmos (programa *Torcedor-Família*), ora através do almejado exercício de autoridade dos adultos sobre seus filhos. São várias as matérias na Folha de S. Paulo, particularmente no ano de 1995, cujo conteúdo promove a idéia de pensar a família como lugar estratégico da prevenção da violência entre torcedores, inclusive, recomendando os adultos para inibirem seus filhos de irem aos estádios. Numa matéria mostra-se um pai responsável e preocupado com o bem-estar da sua família. O pai é o então Secretário de Esportes, Fausto Camunha, que diz na matéria: “Se ele [o filho] fosse [ao estádio], eu e minha mulher ficaríamos preocupados que acontecesse alguma coisa com ele”³⁵. Ainda, por se tratar de um administrador de Estado, é plausível supormos que a proibição de ir aos estádios em dias de jogo é apresentada como exemplar. O filho, por sua vez, mostra-se condescendente: “Fausto Júnior diz que não vai mais aos estádios para não contrariar o pai”³⁶.

A figura do homem público agindo politicamente enquanto pai se repete na matéria *Projeto de lei quer reforçar segurança nos estádios*, publicada no dia 23 de Maio de 1995. A matéria noticia um projeto de lei apresentado pelo então deputado federal Arlindo Chinágli (PT/SP), iniciativa legislativa que propunha a criação de novas medidas de segurança nos estádios - entre outras, o cadastramento de todos os membros das TO, a instalação de câmeras de vídeo nas arquibancadas e a numeração dos assentos.

“Chináglia reconhece que não consultou a PM nem dirigentes e profissionais antes de redigir o projeto. ‘Mas era necessário tomar uma providência. Cada vez que meu filho vai ao estádio, fico preocupado’, disse” (Folha de S. Paulo - *Projeto de lei quer reforçar segurança nos estádios*, 23/05/1995).

Após os incidentes do Pacaembu no dia 20 de Agosto de 1995, em que se enfrentaram no próprio campo de jogo as TO Independente e Mancha Verde, a Folha de S. Paulo noticia o que seria uma campanha antiviolência empreendida por alguns pais de família:

“Depois da guerra entre torcedores no domingo passado, que deixou 102 feridos no Pacaembu, na final da Supercopa Juniores, entre Palmeiras e São Paulo, alguns pais criaram sua própria campanha antiviolência: é proibido ir ao estádio” (Folha de S. Paulo - *Pais proibem os filhos de ir aos estádios assistir futebol*, 28/08/1995).

Intitulada *Pais proibem os filhos de ir aos estádios assistir futebol* a matéria recolhe declarações de homens e mulheres adultos empenhados em garantir a segurança dos seus filhos. Mário Santos Silva, pai do menor de idade Ilton Mendes Silva, diz: “É perigoso. Meu filho não vai. Pelo menos enquanto for menor de idade e eu for responsável por ele”, acrescentando, “ele só entra em estádios quando se governar. Antes de jeito nenhum. Nem se precisar ser trancado em casa” (Idem). Eliane Maria dos Santos, mãe de Leôncio dos Santos, também entrevistada, diz: “Pode ser qualquer jogo que ele não vai mesmo” (Idem). Determinada, Eliane também conta com a compreensão do filho: “Eu queria, mas vou ver os jogos em casa” (Idem)³⁷.

Embora se mostre favorável a este tipo de medidas e inclusive as promova, a matéria não deixa de chamar a atenção sobre os efeitos derivados do eventual sucesso desta ‘campanha anti-violência’:

“Se a campanha funcionar, os estádios vão perder público. A maioria dos integrantes de torcidas organizadas são jovens. Segundo a Polícia Militar, 42,9% deles são menores de idade” (Idem).

A observação não é infundada. Ela indica a consolidação de um processo que diz respeito a uma mudança quanto à composição etária do público nos estádios: com o advento e o crescimento da presença das TO nos estádios, o público juvenil cresceu expressivamente. Informações levantadas pela Polícia Militar e publicadas pela Folha de S. Paulo durante os períodos mais críticos da violência nos estádios indicam este fenômeno³⁸:

“Dados das torcidas revelam que cerca de 80% do público dos estádios é composto de pessoas com idades entre 14 e 20 anos. É nessa mesma faixa etária que mais cresce o número de novos associados às organizadas” (Folha de S. Paulo - *Jovens protagonizam violência no futebol*, 14/11/1994).

Visto assim, toda providência inibindo a presença de menores de idade e/ou das TO em teoria afetaria sensivelmente o volume de público nos estádios. Na teoria e de fato na prática:

“As medidas de segurança adotadas pela Federação Paulista de Futebol (FPF) e pela Polícia Militar para impedir a presença das torcidas organizadas nas partidas do fim-de-semana causaram o esvaziamento dos estádios. A ‘síndrome da violência’ nos estádios, que se instaurou após os conflitos do domingo passado [refere-se aos incidentes de violência no Pacaembu entre as TO Mancha Verde e Independente], também contribuiu para a fuga do público. No principal jogo realizado na capital, somente 3.201 pagantes foram ao Morumbi para assistir a São Paulo x Atlético-MG. No parque Antártica, 1.134 pessoas viram Portuguesa x Goiás. O maior público foi o de Santos x Vasco, no sábado: 5.670 pagantes. (...) Por ordem da Federação, a

PM impediu a entrada de torcedores vestidos com camisas e carregando faixas e bandeiras de organizadas. No Morumbi, menores de 18 anos foram impedidos de entrar sem os pais ou responsáveis, em cumprimento à determinação do juiz de Menores de Pinheiros, Francisco José Parahyba Campos. (...) Estas medidas foram tomadas para evitar a repetição da briga do domingo anterior, no Pacaembu, quando palmeirenses e são-paulinos fizeram 102 feridos. Com essas providências, o público presente aos estádios mudou de cara: saíram os agitados grupos de adolescentes e entraram os adultos, muitos dos quais acompanhados de crianças” (Folha de S. Paulo - ‘*Síndrome violência*’ *afugenta torcedores*, 28/08/1995).

A preocupação da Folha de S. Paulo com a violência entre as TO é também a preocupação com a queda de público nos estádios, a qual, por sua vez, é apresentada como a preocupação pelo fim do futebol como fonte de lazer familiar *ao vivo*. Se a *síndrome da violência afugenta torcedores* o tratamento dado à *síndrome* não fez menos. Com as medidas tomadas, a FPF e a PM, de fato, conseguiram prevenir a violência, do mesmo modo que conseguiram diminuir o ingresso de público nos estádios paulistas. Note-se que mesmo que a matéria celebre a presença de adultos acompanhados de crianças, não deixa de se manifestar preocupada pelo esvaziamento dos estádios.

Além da preocupação pelo fim do futebol como fonte de lazer familiar *ao vivo*, o rechaço à prática da violência entre TO revela uma outra preocupação na Folha de S. Paulo, relativa ao tipo de público presente nos estádios de futebol paulistas. Preocupação na maioria das vezes velada e em ocasiões - como veremos a seguir - plenamente explicitada. *Violência barata*, editorial redigida pelo jornalista Juca Kfour e publicada um dia após os incidentes no Pacaembu, expressa claramente este ponto. Nela, o jornalista defende a idéia de aumentar o valor do ingresso aos estádios como medida para inibir a presença das TO e, com isso, a violência nos estádios:

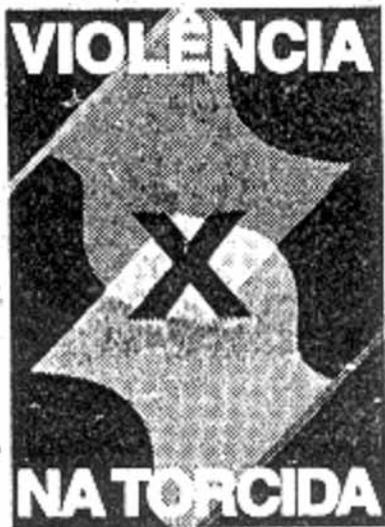
“Já que ninguém é punido, já que os responsáveis pelas torcidas organizadas continuam livres por aí, alguns até desfilando sua ignorância pelos meios de comunicação como se fossem porta-vozes dos torcedores, a única solução é cobrar caro, é selecionar pelo bolso e tornar o futebol um espetáculo para quem pode pagar pela diversão, não pela guerra que mobiliza os marginais” (Folha de S. Paulo - *Violência barata*, 21/08/1995).

Embora Juca Kfour reconheça certa diversidade de classe nas TO, a violência nos estádios seria um problema ligado essencialmente a uma *classe* - o que atesta sua preocupação quanto à composição sócio-econômica do público nos estádios. A editorial continua dizendo:

“Marginais, diga-se, de todas as classes, porque tem muito filhinho da classe média abrigado sob o manto covarde das organizadas. Mas o grosso é composto pelos deserdados, financiados pela própria cartolagem dos clubes, massa de manobra imbecil das jogadas políticas internas. (...) Não fica aqui nenhuma pena daqueles que ontem saíram do Pacaembu ensangüentados. Eles mereceram. Fica apenas a defesa do torcedor comum, cada vez mais condenado a assistir futebol apenas pela TV. Invertamos os sinais, pois. Ingressos caros, o lumpem na TV, quem pode paga, quem paga se diverte e volta vivo para casa” (Idem).

Ao apresentar a violência como inadmissível e, ao mesmo tempo, como sendo um fenômeno de classe, Juca Kfour - e a Folha de S. Paulo através dele - não faz coisa distinta do que propor uma alteração do perfil sócio-econômico da torcida nos estádios. Assim, o aumento do valor do ingresso derivaria no banimento da violência nos estádios, como também no fim do futebol como fonte de lazer *ao vivo* exclusiva do “lumpem”, pondo, deste modo, o espetáculo futebolístico a disposição de uma outra classe, capaz de pagar ingressos mais caros. Essa outra classe - conforme permite inferir a matéria - seria a dos *torcedores comuns*, principais vítimas da violência entre TO e pelas quais Juca Kfour advoga³⁹.

Representação e negação das torcidas organizadas



As TO aparecem exclusivamente, sobretudo nos anos de 1994 e 1995, como protagonistas de incidentes de violência. Tais incidentes são registrados detalhadamente através de variados recursos jornalísticos: além do clássico texto noticioso, é importante o uso de fotografias e, especialmente, de *relatos gráficos* (seguindo o modelo de histórias em quadrinhos) em que se dá conta, passo a passo, das rixas entre torcidas organizadas. *Raio X dos Fatos* é o nome dado a esse tipo de relato.

Chama a atenção neles a representação visual dos torcedores envolvidos nas retretas. Cada torcedor é igual ao resto e seu rosto, de feições rudes, assemelha-se a certo estereótipo de *hooligan* e/ou *skinhead*.

Conforme a pesquisa feita junto ao arquivo da Folha de S. Paulo, a tentativa de equiparar os fenômenos *torcidas organizadas* e *hooligans* é uma prática jornalística que se remete ao final dos anos 80. Na matéria intitulada *Bragança vive o terror dos 'hooligans'* tal equiparação, diferente da estória em quadrinhos, é totalmente explicitada. A matéria abre dizendo:

“Sim, nós temos hooligans. Não são ingleses, mas das torcidas organizadas do Palmeiras, em especial da Mancha Verde” (Folha de S. Paulo - *Bragança vive o terror dos 'hooligans'*, 23/04/1989). Provavelmente devido aos graves incidentes de violência entre torcedores ingleses e italianos acontecidos em Bruxelas no ano de 1985, as TO aparecem como correlato de um fenômeno europeu. Além do jornalismo esportivo, outros atores do universo do futebol profissional paulista efetuam esta sobreposição, funcionando, inclusive como via explicativa para a prática da violência entre TO. A propósito da invasão de supostos membros da Mancha Verde à sede social do Clube Palmeiras, invasão que terminou na depredação da sala troféus do Clube, uma outra matéria diz:

A BRIGA

<p>15h O COMEÇO</p> <p>superlotam o espaço reservado no estádio Brinco de Ouro.</p>	<p>18h20 O IMPROVISO</p> <p>A PM reserva um espaço no tobogã (espaço da arquibancada). Cerca de 50 torcedores corinthianos sobem pelo túnel que dá acesso.</p>	<p>18h25 O POLICIAMENTO</p> <p>Apenas oito policiais se deslocam para dar segurança aos torcedores. Começam as hostilizações entre as torcidas</p>
<p>15h20 A SAÍDA</p> <p>A PM libera o espaço abaixo do tobogã para a torcida do Corinthians. Mesmo assim o espaço é insuficiente.</p>	<p>18h30 O CONFRONTO</p> <p>Cerca de cem corinthianos sobem pelo túnel que dá acesso ao tobogã. O confronto é generalizado.</p>	<p>18h35 O MASSACRE</p> <p>A PM manda que os torcedores corinthianos recuem ao anel inferior. O retorno provoca nova confusão:</p>
<p>18h45 O REVIDE</p> <p>Os torcedores corinthianos quebram os camarotes e, armados de paus e pedras, depredam carras</p>		

Folha de S. Paulo - 11/10/1994

“O presidente do Palmeiras, Carlos Bernardo Facchina Nunes, prefere considerar a hipótese de uma ação planejada de torcedores inspirados na violência de ‘hooligans’ europeus” (Folha de S. Paulo - *Palmeirenses revoltados quebram tudo*, 17/08/1990).

A partir do final do ano 1994 o uso da Polícia como fonte jornalística por parte da Folha de S. Paulo aumenta significativamente. A novidade não reside no fato de usar informações técnicas (reportes policiais sobre as características do serviço de segurança prestado nos estádios, incidentes registrados, eventuais detenções, etc.), mas no fato de a Polícia passar a fornecer informações mais detalhadas sobre as TO e, sobretudo, passar a dar suas opiniões e aventar explicações sobre o fenômeno da violência no futebol. Através da mídia a Polícia ganha voz pública sobre o tema e, nesta medida, emergem elementos que também contribuem na construção de uma representação específica das TO e da violência gerada por esses grupos. No ânimo de fornecer dados sobre o perfil dos membros das TO a equivalência entre *torcedor organizado* e *hooligan* reaparece:

“A PM já cadastrou cerca de 65 mil torcedores organizados e estima que há mais de 80 mil. Com essa amostragem, a PM já pôde fazer um perfil do torcedor violento, conhecido como ‘hooligan’” (Folha de S. Paulo - *PM já tem perfil dos ‘hooligans’*, 23/05/1995).

Neste caso, é curioso o modo como a matéria introduz na composição do texto a informação ‘hooligan’: “conhecidos como ‘hooligan’”. Mas, conhecidos por quem? - cabe a pergunta. Certamente a matéria não assume sua contribuição na construção dessa equivalência; ela, simplesmente, parece apresentá-la como sendo parte do censo comum. São muitos e variados os elementos que entram em jogo no momento que a Folha de S. Paulo, apoiada em informações da Polícia Militar, decide construir um tipo-ideal do “torcedor violento”, isto é, o perfil dos membros das TO:

“É homem, tem entre 14 e 25 anos, vive num ambiente de banalização da violência e não tem constrangimentos morais” (Idem).

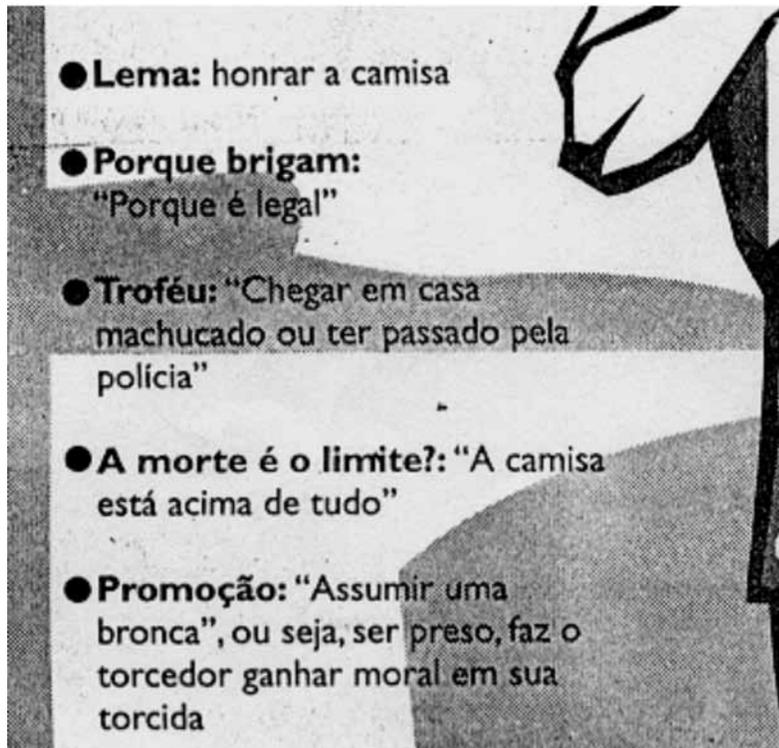
Assim, as agressões das TO estariam sob um certo “ambiente de banalização da violência”, embora o Jornal não ofereça qualquer informação adicional sobre tal ambiente. A matéria continua dizendo:

“‘Esse torcedor violento é diferente do de 20 anos atrás. Ele tem orgulho da violência que pratica’, afirmou [o tenente-coronel Carlos Alberto de] Camargo [, do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar de São Paulo]” (Idem).

Haveria, pois, uma mudança qualitativa quanto ao perfil do torcedor violento dos anos 90 em relação ao de “20 anos atrás”. Outrora a violência gerava constrangimento no torcedor que a praticava (vergonha, culpa?); já nos anos 90, ela passa a gerar orgulho⁴⁰. Cinco dias depois da publicação desta matéria a Folha de S. Paulo oferece mais informações sobre o que seria o perfil sócio-psicológico do torcedor organizado, configurando, como o jornal diz, um “retrato falado de um torcedor violento”:



Faixa etária (“16 a 25 anos”), classe sócio-econômica (“média-baixa e baixa”) e locais de moradia (“periferia”) podem ser tidos como dados confiáveis devido ao acesso que a Polícia Militar teve às listas de sócios de algumas TO paulistanas; o mesmo não é possível dizer com relação a maioria das informações restantes, muitas delas vulgarmente tendenciosas:



Folha de S. Paulo (frag.) - 28/08/1995

Como permite ver a parte inferior da figura completa, duas fontes teriam sido utilizadas para a elaboração deste “retrato falado”: a PM, especificamente seu 2º Batalhão de Choque, e “integrantes das torcidas”. Esses integrantes teriam fornecido tais informações. Mas quais? Integrantes de TO? Quantos foram entrevistados? Que método de pesquisa foi aplicado? Certamente a matéria não fornece esses ‘detalhes’, no entanto, apresenta as informações como sendo um fato incontestável. Além de não ter “constrangimentos morais” - como diz a matéria *PM já tem perfil dos ‘hooligans’*⁴¹ - os membros das TO brigariam “porque é legal”⁴², sentiriam-se privilegiados de apanhar e de “ter passado pela Polícia” e para eles “a camisa” estaria “acima de tudo”, inclusive da possibilidade da morte. Mesmo acreditando que algum torcedor tenha dado tais declarações (o uso das aspas leva a pensar que alguém, de fato, deu tais respostas) é demasiado aventado pretender, a partir delas, construir um *tipo-ideal* dos membros das TO.

A rigor, não nos parece absurdo pensar que a briga possa produzir em alguns dos membros das TO que praticam a violência algum tipo de prazer (o que não significa dizer que o prazer seja o único vetor explicativo da violência entre TO, tarefa da qual, aliás, esta pesquisa não se ocupa). Apesar das suas limitações, o prazer pela violência poderia ser, de fato, um elemento útil no empenho de explicar a violência praticada por alguns torcedores organizados. Porém, acreditamos que o que está em jogo e sobre o que queremos chamar a atenção não tem a ver com a veracidade das informações oferecidas, mas com o fato de a Folha de S. Paulo apresentar os temas e acontecimentos que julga noticiáveis de modo *espetacularizado*: “A morte é o limite?: ‘A camisa está acima de tudo’”.

Neste sentido, também é importante o uso de fotografias que registram os momentos mais dramáticos das rixas entre as TO. Como no caso dos relatos gráficos, as fotografias são organizadas seqüencialmente construindo uma narrativa do acontecido. Os momentos de maior agressão são privilegiados, configurando uma série de imagens de alto conteúdo de violência.

RAIO X DO CONFLITO

1



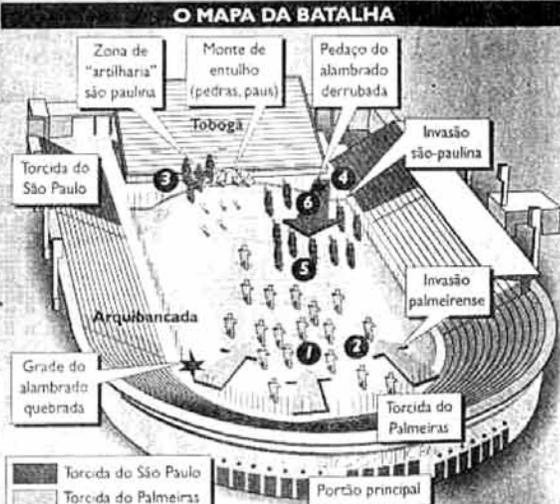
O atacante Rogério faz o gol que dá o título da Supercopa ao Palmeiras

2



Imin (após o gol)
Palmeirenses invadem o campo para comemorar o título. Parte de deles vai provocar a torcida do São Paulo

O MAPA DA BATALHA



Torcida do São Paulo
 Torcida do Palmeiras

AS ÚLTIMAS BRIGAS EM ESTÁDIO

- **11 de setembro de 1994**
Vascainos perseguem e agridem torcedores do Santos no estádio São Januário, no Rio. A briga acaba dentro de campo. Dez pessoas são feridas. A partida termina 0 x 0
- **12 de outubro de 1994**
Corinthians e torcedores do Guarani brigam na arquibancada. Há 30 feridos. Dezenove são internados, e um deles, Sérgio Francisquini, 19, morre em consequência dos ferimentos. No jogo, o Guarani vence por 2 a 1
- **6 de agosto de 1995**
Durante a comemoração da conquista do Campeonato Paulista, torcedores do Corinthians perseguem e batem em um grupo de palmeirenses que ainda estava no estádio Santa Cruz, em Ribeirão Preto

3



2min30
São-paulinos invadem o tobogã e atiram paus e pedras nos palmeirenses, no campo

4

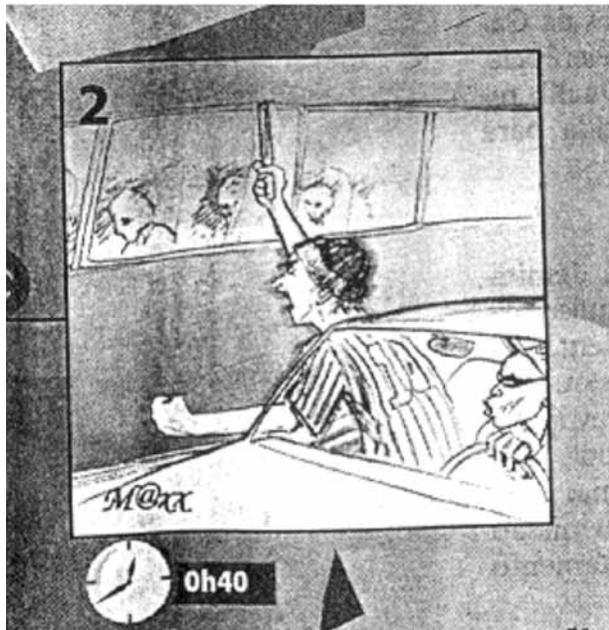


3min
Outro grupo de são-paulinos derruba um pedaço do alambrado e invade o campo

Imagens dos incidentes de violência no Pacaembu acontecidos no dia 20 de agosto de 1995, quando se enfrentaram dentro do campo do jogo as TO Mancha Verde e Independente (Folha de S. Paulo - 21/08/1995).

Um outro recurso visual, mais sofisticado pela sua elaboração, mistura ambas técnicas: o desenho e a fotografia, além do texto escrito. Num relato deste tipo, publicado no dia 16 de outubro de 1997, que reconstrói um ataque perpetrado por membros da torcida Gaviões da Fiel ao ônibus onde se encontravam os jogadores do Corinthians, a representação dos torcedores é diferente à dos corpos homogêneos. Uma parte do relato mostra dois torcedores dentro de um carro que persegue o ônibus

do Corinthians. Ambos os torcedores - um deles aparentemente pretendendo representar um homem negro (ver abaixo fragmento da figura) - correspondem, pela vestimenta e acessórios que portam, a certo estilo de moda juvenil das periferias urbanas.



Folha de S. Paulo - 16/10/1997

Do mesmo modo que a violência é espetacularizada, é representada como um fenômeno aberrante, anômalo. Certa ciência - como veremos - contribuiu neste sentido. Numa extensa matéria publicada no dia 14 de Novembro de 1994 foi entrevistada Tânia Tofolo, professora de psicologia clínica da Universidade de São Paulo, para dar suas opiniões sobre as agressões entre TO. Introduzindo as declarações da psicóloga no corpo da informação, a matéria diz:

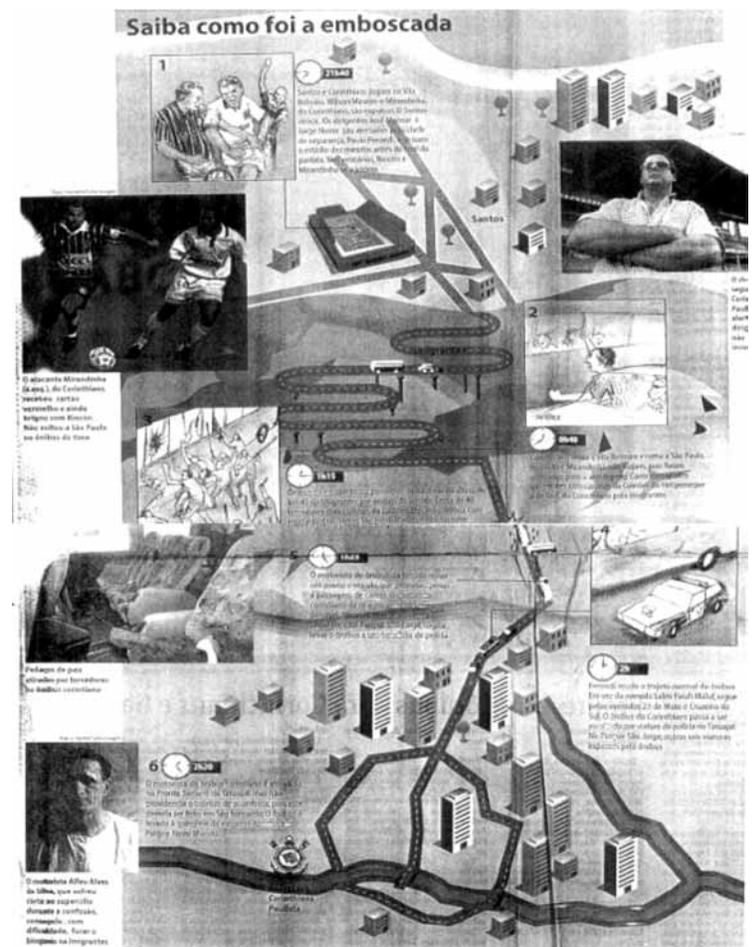
“Sentir raiva é normal, mas bater até quase matar é anormalidade. Essas pessoas precisam de tratamento’ afirma a professora” (Folha de S. Paulo - *Jovens protagonizam violência no futebol*, 14/11/1994).

A partir deste comentário, a matéria põe em questão a saúde mental dos *torcedores violentos* e faz isso através de um mecanismo bastante curioso: primeiro, através da entrevista a alguns membros das TO Mancha Verde e Independente, apresenta informações sobre a vida cotidiana e as preferên-

cias de lazer dos entrevistados e, posteriormente, confronta essas informações com a opinião da cientista:

“São pessoas comuns, estudam ou trabalham, saem com os amigos, namoram. Gostam de música e novela. ‘Esses dados não garantem que sejam normais. Quem não consegue controlar os impulsos violentos não é uma pessoa sadia’, diz a professora Tânia” (Idem).

Como já vimos, tanto quanto os textos, as imagens expressam a forma espetacular em que são apresentadas informações relativas à TO. A seguinte corresponde a um gráfico que acompanhou a matéria *Pais proibem os filhos de ir aos estádios assistir futebol*, publicada no dia 28 de Agosto de 1995, e que informa sobre o número de membros das três maiores TO paulistas.



Folha de S. Paulo - 16/10/1997

INDIFOLHA

CORINTHIANS TEM MAIOR TORCIDA ORGANIZADA*

Em milhares de pessoas

42

Gaviões da Fiel
(Corinthians)

30

Mancha Verde
(Palmeiras)

25

Independente
(São Paulo)



Folha de S. Paulo - 28/08/1995

Além da detenção dos torcedores envolvidos na morte de Márcio Gasparin da Silva nos incidentes do Pacaembu (identificados pela Polícia através das imagens de televisão) e da intimação aos presidentes das TO implicadas na rixa para dar depoimento perante a Justiça, foram efetuadas blitz nas sedes das TO Mancha Verde, Torcida Uniformizada do Palmeiras, Independente e Dragões da Real (identificada com o Clube do São Paulo), sendo confiscados, entre outras coisas, os cadastros de sócios, os cadernos de contabilidade e os equipamentos de informática. Todas estas providências visavam achar argumentos jurídicos que possibilitassem tratar as TO como organizações criminosas, como associações ilegais⁴³, e assim, viabilizar legalmente o fechamento das TO. Produto das investigações, a Justiça conseguiu fechar no dia 11 de Setembro a TO Macha Verde e, dez dias depois, a TO Independente.

Do mesmo modo que o Ministério Público e as Polícias, a FPF também adotou medidas visando o banimento das TO, proibindo a presença aos estádios paulistas de espectadores munidos de objetos identificando qualquer TO (bandeiras, faixas, camisetas)⁴⁴. Esta medida chama a atenção sobre os argumentos utilizados pelas autoridades, especialmente pelo Poder Judiciário e pela FPF. Para justificar o intuito de neutralizar a presença das TO nos estádios - o que em outras palavras significa inibir o direito de acesso de certos indivíduos a um espetáculo público - parece ter sido necessário explicitar e ostentar o lugar ocupado pela FPF nas relações de poder da estrutura do futebol profissional paulista:

“Granda⁴⁵ defende o presidente da Federação Paulista de Futebol, Rubens Approbato Machado, que é favorável à extinção das organizadas: ‘A Federação Paulista de Futebol é titular do espetáculo, tem o direito de vetar a presença das uniformizadas’, afirmou. ‘Num tribunal, por exemplo, somos obrigados a usar beca e temos que respeitar. No campo do futebol é a mesma coisa’ analisa Granda” (Folha de S. Paulo - *Juristas dizem que a decisão é legal*, 12/09/1995).

Assim, é enquanto entidade co-organizadora do espetáculo futebolístico que as ações da FPF são legitimadas através do argumento ‘titular do espetáculo’. Na medida em que se invoca tal titularidade (ostentando-a), a FPF ‘tem o direito de vetar’ o acesso de certo tipo de torcedor a um espetáculo público. Esta afirmação de poder é ao mesmo tempo a negação de qualquer poder das TO sobre o espetáculo *futebol*. Sua atitude, como atores sem-voz nem voto (simples espectadores?), não deveria ser outra que a obediência. Não pretendemos entrar no mérito da legitimidade, ou não, dessas medidas. Pretendemos, simplesmente, apontar para a necessidade de identificarmos os discursos usados para formulá-las e justificá-las e reconhecer que, através desses discursos, jornalistas, juristas e políticos (entre muitos outros atores do futebol profissional) atribuem uma série de significados às TO que descaracterizam a complexidade do fenômeno, das suas várias facetas, e a partir dos quais estas agremiações torcedoras são desvinculadas do universo do futebol.

Para o jornalista Alberto Helena Jr., à época colunista esportivo da Folha de S. Paulo e comentarista da TV Gazeta e outro dos convidados do Seminário *Violência no Esporte*, várias ações deveriam

ser empreendidas para banir a violência dos estádios. Entre outras:

“A devassa nessas organizações, seguida de permanente vigilância das autoridades, para que elas voltem a ser o que eram na origem: simples associações de torcedores de determinados clubes que iam aos estádios para embelezar o espetáculo com sua paixão, seus cânticos inventivos e suas coreografias originais.” (Imprensa do Estado de São Paulo, 1996: 33). Assim, pois, as TO teriam sido na sua “origem”, “simples associações de torcedores (...) que iam aos estádios para embelezar o espetáculo”. De fato, as TO acrescentam uma dimensão estética ao espetáculo futebolístico, no entanto, parece-nos que a definição dada pelo jornalista reduz o papel dessas agremiações torcedoras a um simples ingrediente decorativo, uma espécie de *background* chamativo, cuja função estaria circunscrita unicamente no momento do espetáculo. Na mesma direção aponta Fernando Capez, promotor público de São Paulo, um dos mais acérrimos detratores das TO paulistas.

“As torcidas organizadas, inicialmente criadas para o lazer, desvirtuam-se desta finalidade e, cooptando seguidores, na maioria jovens provenientes de classes humildes, canalizaram toda a violência” (Imprensa do Estado de São Paulo, 1996: 52)

Certamente, o lazer também pode ser entendido como uns dos elementos que deram forma e originaram as TO. Basta conhecermos um pouco das diversas atividades e eventos organizados por essas associações de torcedores para ver que o lazer ocupa um lugar importante. Porém, parece-nos insuficiente pretender assegurar que o lazer seria a única motivação. Como mostra a história da Gaviões da Fiel, outros interesses foram determinantes para seu nascimento, especialmente o intuito de se constituir como uma força que resistisse e questionasse o desempenho dos dirigentes corintianos e a ausência de bons resultados esportivos por parte da equipe. Antônio Bragança Retto - ex-secretário de Estado dos Negócios de Esportes e Turismo do Estado de São Paulo e outro dos convidados ao seminário *Violência no Esporte* - também entende as TO a partir do lazer:

“A insanidade dos costumes é tanta que mesmo aquilo que foi criado [as TO] para divertir e aglutinar pessoas - através de programações de lazer - acaba por se transformar em prática de atitudes inomináveis.” (Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1996: 40)

Outro argumento utilizado insistentemente para justificar o banimento das TO consistiu em vinculá-las aos dirigentes esportivos dos clubes. Figuras influentes como Pelé⁴⁷, Ministro de Esportes no ano de 1995, e Juca Kfoury⁴⁸, defenderam esse argumento; argumento que não raro foi invocado no seminário *Violência no Esporte*. O então Secretário da Justiça e da Defesa da Cidadania do Estado de São Paulo, Belisário dos Santos Junior, foi categórico nesse sentido:

“Os grupos organizados de torcedores foram criados e incentivados pelos clubes” (Imprensa Oficial do Estado, 1996: 15).

Não menos implacável foi o jornalista Vital Battaglia, à época diretor de redação de *A Gazeta Esportiva*:

“É possível afirmar, sem qualquer possibilidade de erro, que as torcidas são um produto acabado dos clubes” (Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1996: 112).

Aqui, o significado atribuído as TO é o de produto acabado dos cálculos políticos dos cartolas. De fato, é conhecido o vínculo desses grupos com dirigentes de clubes e inclusive com políticos, particularmente em época de eleições. No entanto, também é sabido que tal vínculo tem sido irregular e que, mesmo que cartolas e políticos eventualmente tenham favorecido as TO e vice-versa, não é possível assegurar que elas sejam uma macabra invenção que

teria saído do controle dos seus criadores. Embora seja inegável que os dirigentes esportivos, além de outros atores do futebol profissional brasileiro - especialmente a imprensa - tenham contribuído para o surgimento das TO, acreditamos que estas agremiações torcedoras têm vida própria e que elas se reconhecem como uma força crítica e fiscalizadora daqueles atores.

Notas:

- ¹ Este artículo hace parte de la investigación *O espectador como espetáculo: notícias das torcidas organizadas na Folha de São Paulo (1970-2004)*, con el cual culminé una maestría en sociología de la cultura en la Universidade Estadual de Campinas (São Paulo, Brasil). La investigación fue cofinanciada por la Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de São Paulo/FAPESP (Brasil), a la que aprovecho la oportunidad para agradecerle. El presente artículo corresponde a una segunda entrega de parte de la investigación en mención. La primeira entrega, titulada *Quando o espectador vira espetáculo: o futebol como campo de lutas simbólicas*, se publicó en el número 5 de esta revista (Nexus, No. 5, Junio de 2009).
- ² Torcida organizada: la traducción literal de este término es hinchada organizada, pero tal vez resulte más adecuado traducirlo como barra brava (término de origen argentino cuyo uso se ha extendido en gran parte de América Latina) debido a las múltiples similitudes que comportan ambos fenómenos.
- ³ A inauguração da primeira fase ocorreu em 1960, com uma capacidade inicial para 60 mil pessoas. A segunda fase da construção dobrou sua capacidade.
- ⁴ Folha de S. Paulo - No Pacaembu, o batuque dos Gaviões da Fiel, 19/12/1974.
- ⁵ Na mesma matéria (Elisa: 'se o time ganhar o Campeonato eu morro', 04/12/1976) a Folha de S. Paulo serve, inclusive, como promotora das viagens ao oferecer informações sobre contatos e números telefônicos para os possíveis interessados de viajarem para o Rio de Janeiro junto à TO Camisa 12.
- ⁶ Folha de S. Paulo - Elisa: 'se o time ganhar o Campeonato eu morro', 04/12/1976.
- ⁷ "Acima da frustração, a fidelidade" é a manchete de uma matéria publicada um dia após a derrota do Corinthians para o Internacional de Porto Alegre na decisão do Campeonato Brasileiro de 1976 (15/12/1976).
- ⁸ Manchete de matéria publicada na Folha de S. Paulo, 18/12/1974.
- ⁹ Esta coluna de opinião, assinada por A. Mendes, é representativa de uma certa estratégia discursiva operada pela Folha de S. Paulo que é reconhecível ao longo do período que esta investigação estuda: trata-se de apelar à torcida como um meio através do qual acometer uma crítica severa contra alguns atores do futebol profissional brasileiro, notadamente as equipes de futebol. Cabe notar que, em alguns casos, tal estratégia é visível somente em manchetes e chamadas, desaparecendo no conteúdo das matérias qualquer referência à torcida: "Torcida não pode suportar desculpas" (30/01/1981), "Torcedores brasileiros decepcionados e profundamente amargurados" (13/01/1981) e "Os torcedores querem acreditar" (15/12/1991) são alguns exemplos. Manchetes e chamadas prometem um conteúdo - a torcida - que o corpo da matéria não aborda, mas que parece cumprir a função de dar maior legitimidade a posturas editoriais. Sobre este fenômeno voltaremos mais a diante.

- 10 A maior quantidade de informação sobre o Corinthians não se restringe à atualidade da equipe. Não são poucas as matérias dedicadas à história do Clube. Exemplo disso é “Corinthians completa 75 anos” (01/06/1985), matéria que recria a história da fundação do Clube; um outro exemplo é “O povo no seu grande dia” (05/12/1976). A matéria é anunciada da seguinte maneira: “Em várias reportagens, contamos a história do clube desde a fundação, numa emocionada reunião de ferroviários, em 1910”.
- 11 Seria interessante pesquisar, diante deste fenômeno, o volume e tipo de informação veiculados pelas mídias paulistanas sobre os clubes de futebol, especialmente pela imprensa e o rádio durante a primeira metade do século XX, período importante da formação das identidades torcedoras ligadas aos clubes. Poder-se-ia, deste modo, mensurar o interesse da mídia por algum Clube em particular e, sobretudo, identificar o uso de discursos que dizem respeito à construção da identidade dos Clubes e das suas torcidas. O tamanho das torcidas não deve ser um fenômeno desvinculado do papel histórico desempenhado pela mídia como meio de popularização do futebol no Brasil. É através dela - o maior lugar de encontro, além do estádio, entre Clubes e torcedores - que circulam, promovem-se e constroem-se os significados sociais atribuídos aos clubes de futebol.
- 12 Folha de S. Paulo - O povo no seu grande dia, 02/12/1976.
- 13 Folha de S. Paulo - Corinthians: Campeão do povo, 18/12/1974.
- 14 Folha de S. Paulo - O grande dia do grande líder das gerais, 20/12/1974.
- 15 Folha de S. Paulo - No Pacaembu, o batuque dos Gaviões da Fiel, 19/12/1974.
- 16 Folha de S. Paulo - Elisa: ‘se o time ganhar o campeonato eu morro, 04/12/1976. O texto que comenta a fotografia desta matéria diz: “Ela é o próprio Corinthians”.
- 17 Folha de S. Paulo - Carnaval começa depois do 2º. gol, 13/12/1982.
- 18 Uma das perguntas do Debate insiste na idéia - como A. Mendes na matéria Não confundam a Fiel com o Corinthians - de entender o corintianismo como uma espécie religião, mas, desta vez, com uma conotação nacional: “Que religião é essa professada pela nação corintiana?”.
- 19 Dois anos após a publicação do debate, uma outra matéria insistirá na idéia da miscigenação racial. Entrevistado pela Folha de S. Paulo por ocasião do 75º aniversário do Corinthians, o então assessor de imprensa do Clube, Antônio de Almeida, disse: “Na verdade, na história corintiana existem mais portugueses [do que italianos], mas, mesmo assim, a melhor definição seria dizer que o Corinthians foi sempre uma mistura de raças” (Folha de S. Paulo - Corinthians completa 75 anos, 01/06/1985).
- 20 Tentando rastrear um pouco este fenômeno em anos anteriores ao período a que esta pesquisa se dedica, encontramos na primeira página da edição do dia 18 de junho de 1962 a seguinte matéria: “Em São Paulo, no Rio, em Recife, em todo o país, a vitória do Brasil. Sagrando-se bicampeão mundial de futebol [no Chile], foi recebida com uma explosão de júbilo - que logo se transformou num autêntico carnaval que dominou as ruas. Na Guanabara o povo (grifo meu) vibrou entusiasticamente desfraldando bandeiras e confraternizando com abraços e samba, preparando-se para a recepção que esta tarde será tributada a Mané Garrincha e seus companheiros de glória” (Folha de S. Paulo - Esperando o Mané, 18/06/62).
- 21 Folha de S. Paulo - Em discussão, a decadência do futebol-espetáculo, 28/08/1983.

- ²² Folha de S. Paulo - Os estádios estão ficando cada vez mais vazios, 01/09/1985.
- ²³ Idem.
- ²⁴ Então presidente do São Paulo F.C..
- ²⁵ Então presidente da Federação Paulista de Futebol.
- ²⁶ Ex-dirigente do Corinthians.
- ²⁷ Refere-se à partida jogada no dia anterior entre o Grêmio e o Palmeiras em Porto Alegre.
- ²⁸ Refere-se à partida jogada no dia anterior entre o Flamengo e o Fluminense.
- ²⁹ Folha de S. Paulo - Retranca no Sul, desespero no Maracanã e outras guerras em outros estádios, 02/12/1973.
- ³⁰ Folha de S. Paulo - 'Preservar o grito' é a palavra de ordem, (11/12/1976).
- ³¹ Clima de hostilidade que, se não gerado, recriado e promovido pela própria Folha de S. Paulo.
- ³² Segundo dados da Polícia publicados pela Folha de S. Paulo, a violência nos estádios brasileiros durante o ano de 1994 cresceu em mais de 26% em relação ao ano anterior. O índice de incidentes de violência entre TO aumentou vertiginosamente e de modo muito especial no estado de São Paulo, incluindo assassinatos e espancamentos entre membros de TO. O ano de 1994 comporta uma boa assistência de espectadores nos estádios até o mês de setembro. Após a morte de 4 torcedores, 3 deles vinculados a TO paulistanas, entre o dia 9 de setembro e o 29 de outubro, a média de público nos estádios despenca de 25 mil a menos de 10 mil espectadores por jogo no Campeonato Brasileiro (O público desaparece dos estádios, 8/11/1994).
- ³³ TO identificada com o Clube do Guarani de Campinas (SP).
- ³⁴ Violência no Esporte é o nome dado ao seminário promovido pela Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania do Estado de São Paulo, realizado na Faculdade de Direito da USP e que tinha como propósito refletir sobre os acontecimentos do Pacaembu. Os resultados do Seminário foram publicados no ano seguinte (Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1996).
- ³⁵ Folha de S. Paulo - Secretário de Esportes de SP 'proíbe filho de ir aos estádios', 13/11/1994.
- ³⁶ Idem.
- ³⁷ O então Secretário da Justiça e da Defesa da Cidadania do Estado de São Paulo, Belisário dos Santos Junior, também designava à família (assim como a outras instituições) um papel importante no tema da violência nos estádios. Diante dos acontecimentos no Pacaembu ele perguntou no seminário Violência no Esporte: "O que se quer da polícia? O que se espera da família? Da mídia? Dos clubes? Da escola? Da Federação?". (Imprensa Oficial do Estado: 1996, 13).

- 38 Assim como a mídia, o Estado depositou na família funções em relação à prevenção da violência. Em setembro de 1995 os ministérios de Esporte e de Justiça apresentaram um projeto de lei visando, entre outras coisas, criar dentro do Estatuto da Criança e do Adolescente a figura jurídica da internação judicial domiciliar para menores envolvidos em fatos de violência nos estádios e nas suas imediações. Com esta figura os menores ficariam 'retidos' durante os dias de jogo nas suas residências sob responsabilidade dos pais. Para mais informação ver a matéria Projeto de lei eleva punição contra violência nos estádios (Folha de S. Paulo, 01/09/1995).
- 39 Por outro lado, Juca Kfoury não destoa da defesa pela presença das famílias nos estádios paulistas empreendida pela Folha de S. Paulo. No seu programa radial noturno na CBN, programa que acompanho frequentemente desde minha chegada ao Brasil, são abundantes as referências do jornalista neste sentido.
40. Assombra a semelhança do discurso da PM, do qual o Jornal se apropria, com o do promotor público de justiça Fernando Capez, protagonista da luta contra as TO e quem também foi convidado para o seminário Violência no Esporte. Na sua intervenção Capez disse: "O perfil do torcedor violento é o de uma pessoa que se orgulha desta condição. Não se choca com a brutalidade. Vive em clima de banalização, junto com outras pessoas que cultivam estes valores" (Imprensa Oficial do Estado, 1996: 50).
- 41 Folha de S. Paulo - PM já tem perfil dos 'hooligans', 23/05/1995.
- 42 O prazer como via explicativa não foi uma prática jornalística exclusiva da Folha de S. Paulo. No marco do seminário Violência no Futebol, Roberto Benevides, editor da seção esportiva de O Estado de S. Paulo, também aventou tal tese: "Ou se varre dos estádios, como se vem tentando ultimamente em São Paulo, a praga chamada torcida organizada ou se acaba de vez com o futebol brasileiro. É suicídio conviver com bandidos armados e ensandecidos que fazem da violência o maior prazer das suas vidas medíocres. A violência crescente, porque impune, destes bandos é um caso grave de patologia psicossocial" (Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1996: 99). Caminhando na sua argüição, o jornalista, em tom não menos reacionário, disse: "O esporte é uma celebração da vida (...) para salvar a vida é urgente tirar do convívio social os que jogam no time da morte" (idem: 100).
- 43 Como diz parte de uma matéria publicada três dias após os incidentes do Pacaembu: "a Polícia Militar vai sugerir que o Ministério Público averigüe se as torcidas funcionam como entidades paramilitares, com a função de provocar desordens" (Polícia identifica 'baderneiros' e planeja arrastão nas organizadas, 23/08/1995).
- 44 Segundo matéria publicada pela Folha de S. Paulo cinco dias após os incidentes no Pacaembu, esta medida teve "como base um estudo feito por oficiais da PM, que relata que o uso da camisa estimula a sensação de poder e o anonimato no torcedor violento" (Folha de S. Paulo - Camisas já estão banidas, 28/08/95). Álvaro Villaça Azevedo, professor titular de direito civil e diretor da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, outro dos convidados do seminário Violência no Esporte, também propunha esta medida: "deve ser proibida aos torcedores a utilização de camisas, faixas e de bandeiras, identificadoras de grupos de torcida" (Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1996: 37).
- 45 Trata-se de Ives Granda Martins, advogado tributarista entrevistado pela Folha de S. Paulo para comentar a medida de impedir a presença das TO nos estádios paulistas tomada pela FPF (Folha de S. Paulo, Juristas dizem que a decisão é legal, 12/09/1995).

⁴⁶ Ver Triste, Pelé sugere cadeia também para menores, Folha de S. Paulo, 30/08/1995.

⁴⁷ Ver Violência barata, Folha de S. Paulo, 21/08/1995.

Bibliografia:

- CALDAS, Waldenyr. Aspectos Sociopolíticos do Futebol Brasileiro, em Revista USP, São Paulo, No. 22, junho/julho/agosto de 1994.
- CALDAS, Waldenyr. O Potapé Inicial: Memórias do Futebol Brasileiro. Ibrasa, São Paulo, 1990.
- ELIAS, Norbert y DUNNING, Eric. Deporte y Ocio en el proceso de la Civilización. Fondo de Cultura Económica, México D.F., 1992.
- CÉSAR, Benedito Tadeu. Os Gaviões da Fiel e a Águia do Capitalismo ou do duelo. IFCH/Unicamp/Antropologia Social, Campinas, 1981.
- PIMENTA, “Torcidas Organizadas de Futebol - Violência e auto-afirmação” (1996), Carlos Alberto Máximo.
- TOLEDO, Luiz Henrique de. Torcidas organizadas de futebol. Campinas (SP): Autores associados/Anpocs, 1996.
- LOPES, José Sérgio e MARESCA, Sylvain. A morte da ‘Alegria do povo. Revista Brasileira de Ciências Sociais, No. 20.
- DA SILVA, Sílvio Ricardo. Tua imensa torcida é feliz... Da relação do torcedor como o clube. XXVI Encontro Anual de Anpocs, 2002 (paper).
- SEVCENKO, Nicolau. Futebol, metrópoles e desastros. Revista USP, No. 22. 1994.
- LOPES, José Sérgio. A vitória do futebol que incorporou a pelada. Revista USP, No. 22. 1994.
- COSTA, Francisco. O futebol na ponta da caneta. Revista USP, No. 22. 1994.
- TOLEDO, Luiz Henrique de. Transgressão e violência entre torcedores de futebol. Revista USP, No. 22.
- LEVINE, Robert. Esporte e sociedade: o caso do futebol brasileiro. In J. Sebe e J. Witter (Orgs.), Futebol e Cultura. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 1982.
- SHIRTS, Mathew. Literatura futebolística: uma periodização. In J. Sebe e J. Witter (Orgs.), Futebol e Cultura. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 1982.
- CALDAS, Waldenyr. O pontapé inicial - Memória do futebol brasileiro. São Paulo, Ed. Ibrasa, 1990.
- BERTOLLI, C. e SEBE, J. Montero Lobato e o futebol: um projeto para a elite urbana. . In J. Sebe e J. Witter (Orgs.), Futebol e Cultura. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 1982.
- MOURA, Gisella. O Rio corre para o Maracanã. Rio de Janeiro, Ed. FGV, 2000.
- PEREIRA, Leonardo. Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902 - 1938). Tese de Doutorado em História (IFCH/Unicamp), Campinas, 1998.
- LEVER, Janet. A locura do futebol. Rio de Janeiro, Ed. Record, 1983.
- MURPHY, P., WILLIAMS, J. e DUNNING, E. O futebol no banco dos réus. Oeiras, Celta Editora, 1994.
- CESAR, Benedito Tadeu. Os Gaviões da Fiel e a águia do capitalismo ou do duelo. Dissertação de Mestrado em Antropologia (UNICAMP/IFCH), Campinas, 1982.
- ALABARCES, Pablo. Fútbol y patria. El fútbol y las narrativas de la nación en la Argentina. Buenos Aires, 2002.
- PRONI, Marcelo. Esporte-espetáculo e futebol-empresa. Versão preliminar da tese de doutorado (UNICAMP/FEF), Campinas, 1998.
- MILLS, C. W. A nova classe média. Zahar Editores, 1979.
- BOURDIEU, Pierre. Questões de sociologia. Marco Zero, 1983.
- BOURDIEU, Pierre. Coisas ditas. Brasiliense, 1990.
- HOBSBAWN, E.J. A era dos impérios (1875-1914). Paz e Terra, 1988.
- HOBSBAWN, E.J. A era dos extremos - O breve século XX: 1914-1991. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

TOLEDO, Luiz Henrique de. As cidades das torcidas: representações do espaço urbano entre os Torcedores na cidade de São Paulo. In *Na metrópole: textos de antropologia urbana*, José Guilherme Magnani e Lilian de Lucca Torres (Orgs.). São Paulo, Edusp/Fapesp, 2000.

SEVCENKO, Nicolau. Orfeu Extático na Metrópole. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

ALMEIDA, Heloísa Buarque de. Janela para o mundo: representações do público sobre o circuito de cinema de São Paulo. In *Na metrópole: textos de antropologia urbana*, José Guilherme Magnani e Lilian de Lucca Torres (Orgs.). São Paulo, Edusp/Fapesp, 2000.

ORTIZ, Renato. A moderna tradição brasileira. São Paulo, Brasiliense, 1988.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. Torcidas organizadas de futebol: Identidade e identificações, dimensões cotidianas. In *Futbologías: Fútbol, identidad y violencia em América Latina*, Pablo Alabarces (Org), Buenos Aires, Clacso, 2003.

ARQUETTI, Eduardo. Argentinian football: traditions and nacional identity, In *Von der realen Magie zum Magischen Realismus*, Ele Mader e Maria Drabinger (Orgs.) Berlím, Brandes & Apsel, Sudwind, 1999.

VILLENA, Sérgio Fiengo. Gol-balización, identidades nacionales y fútbol. In *Futbologías: Fútbol, identidad y violencia em América Latina*, Pablo Alabarces (Org), Buenos Aires, Clacso, 2003.

RODRIGUES, Mário. O negro no foot-ball brasileiro. Rio de Janeiro, Irmãos Ponguetti Editores, 1947.

ALABARCES, Pablo. 'Aguante' y represión: futebol, política y violencia, em Carvalho, Sergio e Marli Hatje (orgs.). *Revista de Comunicación, Movimento e Mídia na Educação Física* (Santa Maria, RS: UFSM). Ano 2, Vol. 2, 1999.

QUEIROZ, José Benevides. Futebol & mercado. 2002 (mimeo)

SANTOS, Tarcyanie Cajueiro. O lado 'hard' da cultura 'cool': as torcidas e a violência no futebol. In: *Futbologías - Fútbol, identidad y violencia em América Latina*. Buenos Aires CLACSO, 2003.

SUSSEKIND, Hélio. Futebol em dois tempos; incluindo uma breve história do futebol carioca e uma ficção: crônica póstuma inédita de Nelson Rodrigues. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996.

INSTRUCCIONES PARA LOS AUTORES Y CRITERIOS DE ARBITRAJE

1. *Nexus* es una revista semestral editada por la Escuela de Comunicación de la Universidad del Valle (Cali, Colombia) y está dedicada a publicar artículos de investigación, de evaluación, de reflexión y de sistematización, entrevistas, reseñas de investigaciones, de informes de investigación y de libros, traducciones y textos sobre problemas de comunicación social. Los materiales son sometidos a evaluación por árbitros especializados y su publicación final se decide por un Comité Editorial según criterios de calidad, pertinencia, rigor investigativo, rigor conceptual y argumentativo, interés informativo y respeto por las normas aquí expresadas.
2. Los materiales pueden ser entregados a cualquiera de los miembros del Comité Editorial en soporte digital y en papel (ver correos en la página legal).
3. Los textos deben estar precedidos por el nombre del autor con sus respectivos títulos académicos, su condición institucional, teléfono, dirección electrónica, resumen (no más de 150 palabras), palabras clave y, si es pertinente, título de la investigación matriz del texto.
4. Las notas y la bibliografía deben respetar los cánones editoriales internacionales.
5. Esta revista aparecerá a finales de los meses de junio y de diciembre de cada año. Se recibirán textos, entonces, hasta finales de marzo y de septiembre respectivamente.
6. La revista no devuelve materiales no publicados.
7. Cada autor recibirá dos ejemplares de la publicación.